

surrender
to the
sea

LORDS OF THE ABYSS

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

MICHELLE
M. PILLOW





A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária. O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em quaisquer rede social (Facebook, grupos, blogs, sites) ou ainda, quaisquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo Rhealeza de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.





Rhealeza TRADUÇÕES

Staff

Tradução: kytzia

Revisão Inicial: Hera

Revisão Final: Perséfone

Leitura Final: Aurora

Formatação: Cíbele

Grupo Rhealeza Traduções

09/2016

Surrender to the Sea



Série Lords of the Abyss #4-

Michelle M. Pillow

SINOPSE

Atlantes, uma cidade perdida intrigante para a maioria, é a casa de Brutus, sua maldição, sua prisão.

Condenados a uma vida imortal no fundo do oceano, sua única chance de salvação é resgatar damas em perigo do mundo superficial e trazê-las para o abismo.

Enquanto a mitologia pode rotular ele e os de sua espécie de monstros, este guerreiro é simplesmente um homem com necessidades. E ele encontrou a mulher perfeita para cuidar deles.



Capítulo Um

Enquanto observava outro humano se debatendo sob a superfície do oceano, Brutus o Guerreiro se perguntou se matá-los não seria um gesto mais gentil do que tentar empurrá-los o máximo que pudesse para cima. Tudo o que ele podia fazer era ajudá-los a ir em direção ao ar, e tentar dar-lhes algo sólido para se segurarem. A probabilidade de serem encontrados pelo mundo da superfície, depois de um naufrágio não estava a favor dos mortais. Ele não sentiu nenhuma vibração na água ao redor que indicasse que outro navio estava próximo.

Os humanos não eram páreo para seu tamanho. Com sua agilidade na água, ele poderia nadar e estalar seus pescoços antes que eles percebessem o que tinha acontecido, ou ele poderia cortá-los com a barbatana afiada que crescia em seus antebraços. Cada vez que ele era forçado a assistir a morte humana, ele dizia a si mesmo para ser gentil e matá-los, para evitar o sofrimento. E ainda assim, todas às vezes, ele não conseguia fazer isso. Ele parecia feroz, grande e monstruoso para estes seres humanos, mas, não era nenhuma dessas coisas. Ele não era um monstro.

As scyllas eram os verdadeiros monstros dos oceanos, sem almas e perdidas no mar, eram Merr que tinham saído de casa apenas para serem amaldiçoados para procurar algo que nunca encontrariam. Eram sombras na água, quase impossíveis de perceber, mais difíceis de capturar. Brutus era um dos poucos caçadores de Merr enviados para a superfície do oceano para capturá-los. Seu irmão Nemus sofreu o destino de scylla, por centenas de anos. Foi por isso que Brutus começou a caçar. Tinham aprisionado Nemus e tinham dado paz à sua alma perdida. Como caçador, era o dever de Brutus salvar os humanos, como se fazer isso bastasse, para que pudesse de alguma forma reparar o passado de seu povo.

Ele estava caçando as criaturas por muito tempo, junto com seu irmão gêmeo, Demon, e seu irmão mais novo, Rigel. Sua equipe era chamada de Guerreiros, e eles eram uma das quatro unidades de caçadores autorizados a se afastar, até perto do mundo da superfície. As equipes de caça se revezavam a cada poucas semanas. Quatorze dias era aproximadamente o tempo máximo que os tritões podiam permanecer no oceano aberto sem enlouquecer.

A vibração dos barcos em água aberta atraía as scyllas. Nos velhos tempos, o escorregar do casco de madeira e o rítmico do mergulho dos remos tinham sido como um sino para o jantar. Com as condições oceânicas certas e seguindo a batida dos remos, os Merr poderiam seguir um jovem scylla facilmente. Naquela época, havia menos artefatos na água, ou talvez apenas parecesse dessa maneira. Agora a vibração sutil dos motores, combinada com as grandes distâncias que os navios poderiam viajar, tornavam a caça muito mais difícil. Isso, e o fato das scyllas serem muito mais velhas agora.

Eram todos muito mais velhos agora.

Brutus se perguntou se sua eternidade acabaria, essa punição infinita de assistir impotente pessoa após pessoa morrer. No entanto, como ele poderia parar de cumprir seu dever? Das dezenas e dezenas de milhares que ele tinha levado para a superfície, certamente muitos tinham sobrevivido.

Quando o navio de sua cunhada tinha naufragado, ele ajudou a salvar seu pai e cinco irmãos. Claro, que só tinham descoberto que os homens haviam sido resgatados depois que Lyra fora levada para Atlantes e condenada à sua imortalidade. Ela não podia voltar para sua família, mas conseguiu fazer contato com seus irmãos no mundo superficial, algo que nunca tinha sido feito na história da maldição dos Atlantes. A confirmação de que ele tinha sido bem-sucedido pelo menos seis vezes fez com que ele continuasse.

O fundo branco da pequena embarcação finalmente cedeu, rangendo um último aviso antes de passar por ele afundando no profundo abismo abaixo. Pelo menos, os gritos tinham parado. Ele odiava os gritos, o som do medo.

Brutus procurou seus irmãos na água. Tiras de luz solar filtravam de cima, projetando um cenário assustador com os pés chutando sobre sua cabeça.

Vendo o flash, de preto e prata, da longa cauda de Demon, ele correu para segui-lo. Enquanto Brutus salvava os humanos, Demon estava rastreando a scylla, e Rigel estaria por perto esperando para soprar o frasco com o líquido especial que paralisaria a criatura para que pudesse ser trazida de volta a Atlantes.

— *É rápido.* — Demon resmungou usando a comunicação telepática.

— *E forte.* — Advertiu Rigel. — *Seja cuidadoso. Empurrou-me duas vezes.*

— *Faça um círculo.* — Demon disse. — *Brutus?*

Brutus viu o movimento de uma sombra na água e automaticamente disparou na frente dela para bloquear o movimento da scylla. Em vez de desviar, a criatura bateu contra Brutus como uma corrente do oceano, empurrando-o de volta com tanta força que o tritão não conseguiu parar seu corpo quando foi empurrado para a superfície.

— *Pare com isso!* — Brutus gritou, sabendo que se ele tocasse o ar da superfície, poderia morrer. Queimaria sua carne e se ele inalasse, queimaria seus pulmões. Era a maneira mais eficaz de matar sua espécie. A scylla era pequena, mas forte, e o impulsionava para cima, mais alto e mais alto. Ele bateu com o punho, mas sua mão deslizou através da sombra como água, e a criatura não parou.

— *Brutus!* — Seus irmãos gritaram em uníssono.

Ele viu a luz de cima. Não havia nada que ele pudesse fazer. Era isso.

— *Foi uma boa jornada, irmãos. Pegue-a e leve para casa.*

— *Brutus, não!*

Laurel Paulson moveu os pés para nadar. O mar estava calmo, o dia perfeito. O barco que ela tinha fretado para levá-la para o mar tinha sido altamente recomendado. Então por que ela estava flutuando na água, agarrando-se desesperadamente em algo por sua vida... Em um maldito refrigerador de cerveja?

— Eles sabem que estamos aqui, certo? — Ela gritou para o capitão flutuando nas proximidades. — Eles saberão onde procurar por nós?

Ele não respondeu. Em vez disso, ele remou em direção a seu amigo de pesca. Por que ele não dizia que tudo daria certo? E por que ele estava nadando para longe dela?

— Altamente recomendado minha bunda! — Laurel gritou. Ela deveria ter exigido que ele se virasse quando ela o viu pegar sua sexta cerveja do refrigerador. — Seu idiota bêbado, me responda! Como diabos você bateu em algo no meio do mar aberto? — Ela esperneou. O medo se transformou em raiva. — Quando isso acabar, se você acha que vou lhe devolver essa cerveja, você está muito enganado!

Por que ele ainda nadava para longe dela? Ele era o capitão. Deveria salvá-la e mantê-la calma.

Bem, ela não estava calma. Calma porra nenhuma.

A água perto de seus pés ficou mais fria de repente, e ela sentiu um movimento. *Tubarão? Dentes grandes? Come humanos?*

— Não, não, não, não. — Ela sussurrou freneticamente, tentando puxar as pernas para cima enquanto simultaneamente chutava o perigo invisível de volta. A ideia de o oceano ser tão grande realmente a aterrorizava. Ela se agarrou ao seu refrigerador, tentando subir em cima dele e foi incapaz. — Não me morda, não me morda, não...

De repente, uma grande força bateu em seu apoio para flutuar. Laurel gritou, assustada, quando foi lançada a vários metros no ar. Os homens gritaram. Ela disparou enquanto gelo e latas de cerveja pulavam ao redor dela. Então ela caiu, batendo indelicadamente contra a superfície do oceano. Suas costas doeram, e o ar saiu de seus pulmões. Piscando de dor e incapaz de mover seu

corpo atordado, ela testemunhou o fundo prateado de uma lata de cerveja vindo em direção a seu rosto.

Capítulo Dois

Brutus grunhiu surpreso quando suas costas bateram em um objeto duro. Ele passou pela superfície antes de descer novamente. Sentiu o inconfundível formigamento do sol quente e esperou um momento atordoado para que o fogo da morte o alcançasse.

— *Brutus?* — Demon sacudiu seu braço, arrastando-o mais fundo na água. Minúsculos mísseis de metal caindo de cima.

— *Estou bem.* — Disse Brutus a seu irmão gêmeo. — *Eu estou bem.*

— *Que diabos você estava pensando ao me dizer adeus?*
— Demon o socou com força no rosto.

Brutus retrocedeu, porém, o golpe não machucou.

— *Eu estou bem.*

— *Se você tentar morrer de novo...* — Demon esquivou-se de um dos projéteis de metal, antes de pegar outro. Ele o arremessou na cabeça de Brutus.

— *Eu mesmo o jogarei para a superfície da terra. Não vou perder outro irmão... O que...?*

Um respingo gigante atingiu a superfície, e ambos olharam a tempo para ver as costas de uma mulher rodeada pelas ondulações da água. Um pedaço dos detritos a atingiu na cabeça e sangue instantaneamente turvou a água. Ela lentamente começou a afundar.

— *Oh, é maravilhoso, veja o que você fez?* — Demon acusou.
— *Agora temos que levá-la conosco. Não tem como ela sobreviver inconsciente com seus dois amigos não se incomodando em vir ajudá-la.*

Brutus fez um movimento para empurrá-la para a superfície, esperando que ela subisse. Ela não foi. Ele esperou para ver se seu povo iria buscá-la. Eles chutaram na água, nadando, provavelmente aterrorizados, porque tudo o que a tinha sido lançado pelo ar cairia sobre eles em seguida.

— *Covardes.* — Resmungou Brutus na direção aos humanos.

— *Você a leva. Ela é sua responsabilidade agora.* — Disse Demon. — *Punição dos deuses por tentar morrer.*

Brutus não se incomodou em explicar que não queria morrer. Estranhamente, a circunstância inconveniente dessa mortal flutuando na água tinha salvado sua vida. Sua caixa de flutuação parou sua subida.

— *Você está ferido?* — Perguntou Rigel. Ele segurava o frasco em sua mão.

A mulher voltou para baixo. Brutus puxou a mulher para dentro da água. Seu cabelo estava puxado para trás de seu rosto, facilitando o contato, quando pressionou seus lábios nos dela. Criando um elo, ele inalou a água de seus pulmões para extrai-la de seu corpo. Não havia muito e logo ele estava forçando-a a respirar com ele. Seus cílios vibraram, e ela deu-lhe um olhar atordoado. Olhos castanhos com pitadas de dourado tentaram se concentrar nele antes de fechar novamente.

— *Estamos voltando.* — Rigel advertiu. — *Prepare-se!*

Brutus não podia ver muito bem com a mulher bloqueando sua visão. Com uma leve maldição, desatou os lábios e empurrou-a para a superfície. Virando-se, ele se dirigiu para onde Demon nadava em círculos ao redor da scylla para detê-la.

— *Uma ajudinha aqui.* — Demon exigiu.

— *Estou indo!* — Brutus olhou para a mulher inconsciente afundando da superfície de volta para a água. — *Rigel, prepare-se.*

— *Pronto.* — Respondeu Rigel.

Brutus nadou para frente. Demon mudou de direção. A scylla fez uma pausa para alterar seu curso. Rigel abriu o frasco de líquido paralisante e soprou o conteúdo em direção à criatura. No segundo que a armadilha tocou o corpo delgado, ela se virou para Demon. O movimento repentino fez com que o líquido paralisante dispersado mudasse de direção. Derramando sobre o braço de Demon.

Demon rosnou, mais em frustração do que de dor, e chicoteou sua cauda de volta. A scylla rodeou várias vezes antes de finalmente parar e flutuar. Agora que estava paralisada, Rigel pôde agarrar e capturar a criatura.

Demon testou o braço, o antebraço e a mão, inconfundivelmente paralisados por ter tocado na armadilha.

Brutus correu para onde a mulher afundava na água. Seus braços arrastavam-se moles acima de sua cabeça sem vida.

— *Volte aqui, mulher.* — Empurrando-a para cima, ele a segurou mais uma vez sobre seu peito e colou seus lábios nos dela. Ele aspirou o oceano (água) de seus pulmões e lhe deu o oxigênio dele.

— *Essa caçada tem sido um desastre.* — Disse Rigel. Ele tinha aprendido o novo termo com sua esposa, Lyra. Tinham-se casado há pouco tempo, pouco menos de uma década.

— *Como está a fêmea?* — Perguntou Demon, sua risada zombeteira se destacando claramente no elo mental.

— *Como está a mão?* — Brutus respondeu, movendo os olhos e ajustando o corpo para poder ver onde ele estava nadando enquanto levava seu fardo mais fundo no abismo. Se ele quebrasse o elo outra vez, ela morreria por conta da pressão. Ele ficou feliz quando ela não lutou, ou sequer abriu os olhos. Ele pensou que não poderia fazer o longo Mergulho se aqueles olhos olhassem fixamente dentro dele.

— *Mesmo com uma mão morta, eu ainda posso vencê-lo.*
— Demon provocou.

— *A corrida continua.* — Brutus aceitou o desafio e nadou com mais força, grato por uma desculpa para deixar a tarefa de tentar salvar a mulher. A probabilidade era que ela morresse. Eles quase sempre morriam. É por isso que eles só levavam pessoas que certamente estavam condenadas à morte de qualquer maneira. Com os amigos dela nem sequer tentando ajudá-la, esta mulher não conseguiria sobreviver na superfície. Ele era a única chance dela. O problema era, que Brutus ainda não tinha pessoalmente levado um humano vivo para Atlantes.

Capítulo Três

— Se você não a quer, eu a tomarei. — Demon olhou a beleza molhada no chão enquanto embalava sua mão fraca. Ele respirava com força, por causa da corrida até o fundo. Demon tinha vencido, apenas porque Brutus se recusou a bater sua delicada carga na face rochosa da base de Atlantes, a fim de chegar à área de superfície plana, antes de tudo.

Ambos os irmãos estavam nus, tendo acabado de sair da água para se transformarem em suas formas humanas. A superfície da caverna de Cristal estava localizada dentro do palácio em Atlas, a capital de Ataran, envolta no submerso mini continente de Atlantes, lar dos Merr.

A cúpula de sua prisão subaquática curvava-se em torno de um pedaço de terra seca, enquanto a base grossa flutuava sobre fundo do mar. Esta pequena bolha de paraíso ficava muito abaixo do mundo humano. Tecnicamente, havia apenas duas vias para os atlantes entrarem, uma área na superfície, no centro de sua capital sagrada, ou o antigo túnel secreto, que era à saída das cavernas do culto às sereias, conhecidas como as Olímpicas. Os Merr bloquearam o túnel para impedir que as Olímpicas saíssem.

— Para o vencedor vão os restos? — Demon perguntou, sorrindo.

Brutus franziu o cenho, sentindo-se estranhamente possessivo com a mulher que tinha salvado. Demon tinha razão. Esta mulher era muito mais bonita do que as outras que tinham sido resgatadas nos últimos anos. Ela tinha curvas femininas. Lembrou-se muito bem o que sentiu ao segurá-la enquanto nadava. Ela era suave, moldando contra seu corpo duro, mesmo através de suas roupas. Ele tinha esquecido como as mulheres de verdade poderiam ser suaves. As ninfas de prazer fabricadas serviam a um propósito e o tinham servido em algumas noites muito solitárias, mas a textura firme da carne falsa não era nada em comparação com a coisa real.

Seu pênis se contorceu com a aflição. A excitação era um efeito colateral natural ao sair do oceano, então ele não pensou nisso. Talvez sua possessividade tenha a ver com essa ser sua primeira sobrevivente.

O cheiro das flores do mar não era tão forte como normalmente, e ele adivinhou que uma colheita tinha sido feita nas cavernas, para fazer produtos de cabelo para as mulheres Merr. Ele respirou profundamente. O ar aqui não os machucava como na superfície.

Pensando nisso, ele chegou a tocar suas costas. Elas pareceram excelentes. Vendo o gesto, Demon franziu o cenho.

— Essa foi por pouco. Você tem muita sorte de não ter sido empurrado da água.

Brutus parou de tentar examinar suas costas à procura de ferimentos e deixou cair à mão dele ao seu lado.

— Mas eu fui até superfície. Experimentei o ar na minha pele.

Demon agarrou o braço de seu irmão gêmeo e o empurrou, examinando suas costas de perto.

— Eu não vejo queimaduras. Talvez você esteja enganado.

— Sei o que senti.

— Então, talvez as algas com que eles nos alimentam estejam funcionando. — Demon continuou a examinar seu irmão para se assegurar que Brutus não estava ferido. — Você precisará reportar isso para Bridget. Ela ficará empolgada ao saber que sua teoria de algas pode não ser loucura.

Brutus assentiu com a cabeça.

— Depois de levar minha protegida para a curandeira. Esperamos tempo suficiente. Ela ainda respira. Acho que é seguro levá-la para dentro. — Ele levantou a mulher em seus braços e a levou para a abertura da caverna.

— Eu gostaria de apresentar minha candidatura para ser um pretendente. — Gritou Demon atrás dele.

Brutus andou mais rápido. Uma pedra bloqueava o caminho, e ele teve que chutar o pé contra a rocha para os guardas saberem que ele estava lá. Do outro lado, dois guardas moveram o bloqueio da pedra redonda para deixar os caçadores saírem da área da superfície. Mantinham a caverna de acesso ao oceano bloqueada, assim os nadadores não autorizados não se aventuravam.

— Uau, pare. — Brennus o guarda disse, suas palavras ansiosas. Ele chegou a tocar o braço de Brutus. O homem era alto, mas não tão alto quanto Brutus.

— Encontrou uma mulher, milorde?

Tal coisa era óbvia. Brutus fez uma pausa e arqueou uma sobrancelha enquanto olhava para a mão em seu braço. Brennus o soltou. O segundo guarda, Vitus, apenas olhava fixamente.

— Ela é, ahh... — Brennus deu uma risada nervosa. — Surpreendente. Eu gostaria de convidá-la quando ela acordar, se você concordar com isso, Lorde Brutus.

— E eu. — Vitus acrescentou tardiamente, encontrando sua voz.

— Deixe a mulher sobreviver primeiro. — Brutus resmungou em despedida.

— Então isso é um sim? — Brennus gritou atrás dele.

— E um sim para mim também, milorde? — Vitus rapidamente acrescentou.

Brutus não sabia como responder. Ele carregava sua protegida rapidamente pelos corredores, esperando evitar qualquer outro macho solteiro enquanto a levava para a curandeira. Os arquitetos da cidade tinham vidrado as paredes de tijolos com uma mistura de pedras preciosas azuis. Luz refletia de fora durante o dia, mas à noite tochas eram acesas nos salões. A tonalidade azul suave do dia fez com que a pele da mulher parecesse doente. Ele fez uma pausa para ouvir e se certificar de que não tinha ninguém ao virar da esquina, antes de levá-la sob um grande arco.

Tradicionalmente, essa mulher era agora sua responsabilidade porque ele a salvou da água. Brutus nunca teve uma protegida antes. Como seu guardião, ele teria que aprovar seus pretendentes para garantir que ela fosse bem cuidada. Ele

teria que alimentá-la, vesti-la e certificar-se de que ela tivesse cuidados médicos e...

Sua mente correu por todas as coisas que deveriam ser feitas. Sabia muito pouco sobre as necessidades das mulheres. Sua casa era a casa de um homem, porque ele era um homem. Por que não tinha prestado atenção quando as esposas dos outros caçadores falavam de coisas femininas? Lady Bridget exigiu que seu marido trouxesse criaturas vivas do mar para ela examinar. Ele provavelmente deve se lembrar de encontrar um lugar para sua protegida. Talvez o rei permitisse que ele colocasse uma lula no tanque de água salgada do palácio... Pelo menos até que ele pudesse construir uma piscina para sua protegida.

Havia tanto a ser feito para ela.

A cortina de pérolas da casa da curandeira caiu ao seu redor quando ele entrou. Althea, a curandeira, olhou para cima, surpresa, de onde estava sentada em seu sofá. A casa era como as outras no palácio, uma grande área de estar quadrada, com um escritório, quartos de dormir e banheiro adjacente.

— Eu tenho uma. — Brutus disse. — Ela está viva. Eu tenho uma viva.

Althea gesticulou para que ele trouxesse a sobrevivente para a área de trás onde ela cuidava de seus pacientes. Brutus obedeceu, colocando a mulher em uma cama.

— Eu a salvei. — Brutus disse.

Althea deu um sorrisinho.

— Eu deduzi, lorde Brutus.

— Ela é minha protegida. — Brutus continuou, nervoso. — Porque eu a salvei.

— Sim, meu senhor.

— Do oceano. Eu a salvei do oceano. — Ele pairava por ali enquanto Althea tocava a mulher para sentir seus ferimentos. — Eu a salvei, então isso me torna responsável. Então me diga o que preciso fazer por ela. Além de fazer uma piscina para as criaturas dela. Vou pegar uma lula para ela. Isso eu sei.

—Sabe o que seria mais útil Guerreiro? — Althea baixou as mãos e lançou-lhe um olhar severo.

—Qualquer coisa. Eu farei qualquer coisa. Você precisa que eu dê energia para salvá-la como Iason fez para Cassandra? —Ele fez um movimento como se fosse colocar seu corpo nu sobre a mulher inconsciente.

Althea colocou as mãos em seu peito.

—Calma grandão. Eu ia dizer que a melhor coisa que você poderia fazer por ela é ir para casa e acalmar sua aflição. Enviarei alguém para você quando eu terminar meu exame.

— Aidan?

— Você quer que eu envie Aidan? — Althea perguntou surpresa.

— Bem, ele está escondido em seu quarto. — Brutus respondeu.

A boca de Althea se abriu em choque que ele soubesse, mas nenhum som saiu.

— Oh, eu me esqueci de lhe dizer que minha protegida bateu a cabeça. — Brutus disse, não se movendo para sair. Ele novamente se inclinou sobre o ombro da curandeira para observar o que ela estava fazendo.

—Eu deduzi pelo corte em sua testa. — Althea respondeu.

—Ela é muito bonita, não é? — Ele mais disse do que perguntou.

— Muito bonita. — Althea parecia distraída.

—Ela parece um pouco azul. É normal que eles pareçam tão azuis? E ela estava fria quando a toquei. Acho que devemos fazer algo a respeito.

— Vou cuidar disso, meu senhor.

—E eu tive que puxar a água de seus pulmões duas vezes. Estávamos no meio da batalha.

— Você pegou sua presa, lorde Brutus? —Althea perguntou.

—É claro. — Ele se endireitou. —Você pergunta sobre a honra de um guerreiro? Nós sempre capturamos nossa presa. Somos caçadores.

—Então seu trabalho está feito. Vá. Cuide de si mesmo, darei assistência a minha paciente. — Althea o empurrou do quarto.

— Mas você enviará Aidan para mim, se precisar de minha energia para curá-la? Devo ficar despido só por precaução?

— Lorde Brutus, vá! —Althea ordenou, exasperada.

Laurel abriu os olhos. Todo o seu corpo formigava. Ela se lembrava dessa sensação, do entorpecimento da anestesia e da falsa segurança antes que recobrasse a consciência. Tentando se mover, ela acabou se debatendo em sua cama de hospital. Sua voz saiu como um pequeno gemido.

—Não. Não mais, por favor, não.

Ela não poderia viver com isso novamente. De novo não.

— Calma, minha senhora. —Respondeu uma voz suave. —Está tudo bem. Você está segura.

Laurel olhou para os olhos bondosos. Lágrimas quentes deslizaram pelo seu rosto.

—Não, não está tudo bem.

—Shh. — A mulher disse, acariciando seu cabelo.

—Eu perdi meu bebê. Por favor, não... Eu quero meu bebê. — Laurel fechou os olhos para deixar o esquecimento levá-la.

Capítulo Quatro

No banheiro a água caía sobre o corpo de Brutus. Ele permaneceu como um homem, não se transformava na água doce. Somente na água salgada eles mudavam para a forma Merr.

Não conseguia tirar a mulher da cabeça, a suave textura de sua pele, o aperto de sua boca na dela, a sensação de seu ar entrando em seus pulmões enquanto respirava por ela. O beijo de respiração era considerado o mais íntimo dos beijos. Ele podia entender o porquê. Lembrar-se dele o fez estremecer por toda parte. Ele deixou a água bater, não se movendo, com medo de que as emoções frágeis dentro dele fossem embora. Traços dela permaneciam em seu interior.

A forte necessidade de seu pau não era nada nova. Parecia que a coisa sempre queria atenção. Tal necessidade era parte de sua maldição, imortalidade, constante mudança, energia sexual potente, sem mulheres adequadas para receber tais coisas. Bem, a menos que eles fossem um dos poucos sortudos que tinham uma esposa, quando Poseidon atacasse o oceano.

Tomando-se na mão, ele acariciou a aflição de seu corpo. Brutus fechou os olhos, sentindo a batida da água contra sua carne. Por um breve instante, ele se deixou imaginar como seria ter uma mulher para casar. O sonho lhe causava mais dor do que prazer. As chances de encontrar amor ou até mesmo um simples companheirismo eram mínimas. E se a mulher tão linda que ele salvou desejasse qualquer outro Merr digno, diminuía suas chances. Ela já tinha três pretendentes, três dos três homens solteiros por quem ela passara. Esse número aumentaria à medida que mais homens a vissem.

Seria apenas mais uma crueldade de Poseidon, o deus que os derrubou e depois nunca mais apareceu? Mais um castigo de séculos pela vaidade dos seus guerreiros? Uma mulher perseguida por muitos homens, a esperança do que poderia acontecer, a tortura final, quando essa esperança não fosse realizada, ao

ver outro alguém encontrar o amor. Ele ficaria feliz pelo casal, é claro, mas seria uma felicidade agri-doce porque ele ainda estaria sozinho.

Brutus gozou, derramando sua semente no chão do banheiro. Era um ejacular vazio, como tantos outros antes desse. Só que, desta vez, era difícil ignorar o desejo emocional, a necessidade desesperada de ser tocado por uma mulher, de ser amado.

Depois de séculos de vida, ele sabia, que só porque desejava algo não significava que seria dele. Não havia nenhum destino pré-determinado. Ela não ouvia as súplicas dos tritões. Ela obedecia aos deuses, e era um deus muito poderoso que escolhia esse destino para eles.

—O que mais posso fazer além do meu dever? —Ele sussurrou, inseguro se ele falou para si mesmo ou a um deus que ele acreditava que há muito tempo tinha se esquecido deles.

Capítulo Cinco

—Ela acordou brevemente e falou de perder um bebê. Você viu um bebê na água? —Perguntou uma mulher. — Há alguma esperança de que a criança sobreviva?

Laurel abriu os olhos, ouvindo as vozes na outra sala.

—Não. Eu não vi crianças. —Respondeu um homem, parecendo perturbado. —Eu não teria tirado uma mãe de seu filho, não importa as circunstancias.

—Pode ser que sejam resquícios de um sonho ruim, então. —Disse a mulher.

Laurel estava em um hospital rústico, algo que ela imaginava ver na televisão à noite, quando as pessoas pediam doações para países do terceiro mundo. Pergaminhos revestiam as paredes de um lado, empilhados em um cubículo perto de uma mesa de pedra pequena. A outra cama no quarto estava vazia.

Laurel sentou-se lentamente. A mudança de posição a deixou tonta, e ela teve que respirar várias vezes para se manter firme. Usando as extremidades da cama para apoio, ela seguiu para a porta.

— Ela mostrou sinais de ter um filho? Eu perdi algo na água? O barco desceu tão rápido. Eu não ouvi... Mas...

Laurel se apoiou contra o batente da porta. Duas pessoas se voltaram para ela. A mulher usava um vestido romano, um pedaço quadrado de tecido que cobria seu corpo. Laurel a reconheceu vagamente como a pessoa que cuidara dela.

O homem ao lado da mulher fez Laurel hesitar. Ele estava vestido com um estilo semelhante, com uma camisa curta, branca, que caía até os joelhos. Suas panturrilhas estavam nuas. Um cinto amarrava o material em sua cintura. Por alguma razão, Laurel estudou seu peito por um longo momento.

Ele era enorme. Não havia outra maneira de descrevê-lo. Ele era alto, amplo, forte e tão bonito como um astro de filmes de ação. O seu cabelo escuro e úmido ia até seus ombros e umedecia sua toga. Quem ainda usava togas além dos meninos de fraternidade universitária? Quando ela se pegou olhando para suas pernas musculosas, ela mudou seu olhar.

—Não havia nenhum bebê. — Laurel disse. —Eu estava me lembrando de algo de muito tempo atrás.

O grandão pareceu relaxar com a admissão.

—Você deve ter sido quem me tirou da água. Desculpe-me, eu não me lembro de muito depois do naufrágio. Não tenho nem certeza de como foi que nós naufragamos. — Ela deu uma risada sem humor. — O maldito capitão estava bêbado. Eu me lembro disso. — Então franzindo o cenho, ela perguntou preocupada. — Ele sobreviveu, não é? O outro homem também?

—Eles estavam vivos na última vez que os vi. — O homem tinha uma voz profunda e forte, com um tom decidido.

—Estou feliz. Estou irritada por ele quase ter me afogado, mas estou feliz que todos sobreviveram. Isso vai me ensinar a não escolher aleatoriamente atividades fora de folhetos de viagens e do hotel.

O casal parecia confuso.

—É apenas algo que eu faço quando viajo. Eu escolho fazer algo no local, que eu nunca tentei antes. Na verdade, não importa. O ponto é que eu quero dizer obrigado por me salvar.

— É claro. —Respondeu o homem. Ele parecia querer dizer mais, mas se conteve.

—E obrigado por cuidar de mim. — Ela disse para a mulher. —Vocês dois têm um lugar lindo aqui.

A mulher olhou em volta e depois para o homem.

—Obrigado, mas este lugar não é dele, e este brutamonte não é meu.

—Qual é o seu nome? —Perguntou o homem.

— Laurel Paulson.

—Eu sou Brutus o Guerreiro. Esta é Althea a Curadora. Bem-vinda a Ataran, minha senhora.

Ataran? O lugar não parecia familiar.

—Sinto muito, mas estou um pouco confusa quanto ao que aconteceu e onde estávamos quando o barco naufragou. Em que país estamos?

—Ataran. — O homem franziu a testa. Ela não gostou da expressão nele. Com seu tamanho gigante, qualquer tipo de desaprovação parecia assustador.

Ela tentou se lembrar o que ficava além da costa da Flórida. Cuba? Eles não pareciam cubanos, não soavam como cubanos, mas eles tinham sotaque e roupas que não eram americanas.

— É uma pequena ilha?

O homem assentiu. Brutus. Era um nome muito apropriado para ele.

Ok, de modo que isso reduzia um pouco. Ela estava em um pequeno arquipélago no Caribe.

—Vocês têm uma embaixada? Eu sou uma cidadã dos EUA, mas temo que toda a minha identificação tenha naufragado com o navio.

—Nós não temos uma embaixada. Temos um palácio.

—Eu tenho que ir ao palácio entrar em contato com a minha embaixada?

— Você está no palácio. —Althea disse.

Um fio de medo a encheu, uma das primeiras sensações reais que sentira desde que acordou entorpecida. Roupas estranhas? Grandes guarda-costas? Nenhuma embaixada? Seria um harém? Algum pequeno país que ninguém jamais ouviu falar com um ditador autoproclamado que recolhia mulheres e não lhes dava nenhuma saída da ilha. Althea era a primeira esposa do rei ou algo assim? Seria essa linha de pensamento plausível ou alguma bobagem aleatória de algum filme antigo que ela tinha visto quando criança?

— Você não parece bem. —Althea disse. — Talvez você tenha acordado muito cedo.

—Eu me sinto drogada. —Laurel respondeu, tentando manter a acusação longe de sua voz embora fosse difícil. —Estou tendo dificuldade em me concentrar.

— Euforia é normal. —Brutus declarou.

—Eu não me sinto normal. — A sala começou a girar e não importa o quanto ela tentasse manter a objetividade, ela não conseguia.

—Eu fiz tudo que posso por ela. Você deve levá-la. Coloque-a na cama e deixe-a descansar. —Ordenou Althea.

—Obrigado. —Brutus disse.

Laurel sentiu o homem vindo até ela. Ela tentou voltar tropeçando para o quarto, mas ele a ergueu facilmente em seus braços e começou a levá-la. O calor de seu corpo musculoso e a delicadeza de sua postura a tomaram de surpresa, e ela não lutou tanto quanto deveria.

—Onde você está me levando? — Laurel perguntou fracamente.

—Para minha casa para descansar. Lamento que seja a casa de um homem. Eu vou encontrar coisas para te agradar como mulher, mas por agora você pode dormir em minha cama.

Laurel emitiu um ligeiro ruído de protesto, mas nenhum som mais saiu quando o homem pressionou seus lábios nos dela em um beijo. O calor explodiu por toda parte, formigando o caminho de sua boca para a dela, antes de descer por seu corpo para se estabelecer em seu sexo. Ela encontrou seus dedos se levantando e tocando o rosto dele enquanto o beijava de volta. A sensação anestesiada retornou. Um gemido baixo soou do fundo de sua garganta. Quando ele se afastou, ele parecia chocado.

—O que foi isso? —Ela sussurrou, deixando cair à mão de seu rosto.

—Eu estava curando você com minha energia. —Ele disse.

Ok. —Laurel respirou fundo, desejando que ele tentasse curá-la um pouco mais. —Eu não entendo o que está acontecendo, mas ok.

—Você não precisa se preocupar com os detalhes. Por agora você precisa descansar. Você passou por muita coisa hoje. — Brutus a levou para sua casa. Belos desenhos de criaturas oceânicas haviam sido pintados nas paredes lisas. Ele passou por um sofá baixo e uma mesa de café, e a levou para um quarto atrás. Quando ele a colocou na cama, parecia que ele queria se juntar a ela.

—Você deseja que eu continue curando você?

—Eu acho que vou ficar bem. —Laurel respondeu. Seus lábios formigavam onde ele a beijara. Ela gostaria muito que ele continuasse fazendo isso, mas ela estava muito cansada para participar ativamente de algo além de uma fantasia rápida.

Com uma inclinação de cabeça firme, ele instruiu:

—Então descanse. Vou trazer comida para você mais tarde.

Brutus fechou a porta, deixando-a sozinha. Laurel não lutou contra o sono quando ele veio reivindicá-la.

Capítulo Seis

—Eu deveria fazer arranjos para ir para casa. — Laurel saiu do quarto para encontrar Brutus sentado em almofadas de chão em uma mesa de jantar baixa.

—Você dormiu o suficiente? — Ele perguntou.

—Sim, obrigado. Eu não sei como vou te pagar pelo que você fez por mim, mas eu acho que eu deveria entrar em contato com meu país para começar a papelada agora. Não sei exatamente como isso vai funcionar, mas qualquer coisa relacionada ao governo parece levar muito tempo. Eu não quero ser um fardo para você depois que você já fez tanto por mim.

—Você não é um fardo. —Ele disse. —Não se preocupe com essas coisas agora. Sente. Coma. Eu te trouxe comida. Eu fiquei preocupado quando você não saiu na noite passada, mas parece que o descanso te fez bem. Sua pele parece menos azul.

Ela dormiu a noite toda? Tudo o que ela lembrava era que estava deitada e deslizando para o que parecia ser um coma. Depois de tudo o que o homem tinha feito, ela não queria ser rude. Sentando na almofada que apontou, ela esperou para ver o que ele costumava comer.

—Coma. — Ele ordenou, empurrando a bandeja para ela. Aparentemente, havia pouca variedade para o jantar.

Os frutos não pareciam familiares, mas ela adivinhou pela textura que as tiras de carne eram peixes cozidos. Ela estava tão faminta que nem sequer se importou com a estranha combinação de sabores. Depois de várias mordidas, ela notou que Brutus estava observando sua boca.

Laurel baixou a mão e lambeu os lábios. Ela conscientemente empurrou um fio de cabelo para trás de sua orelha. Por um lado, ela estava grata a este homem por salvá-la. Por outro lado, sua atenção concentrada nela enquanto comia era irritante, e ela queria afundar nas almofadas para se esconder. Sendo uma mulher de curvas naturais, comer vorazmente na frente de um modelo de super-herói

incrivelmente quente, sexy e lindo era bem desconcertante, o que em si já era um sentimento estranho, porque ela amava seu corpo.

—Então, o que você faz quando não está salvando donzelas do oceano?

—Eu sou um guerreiro.

—Militar? — Isso fazia sentido. O homem tinha a estrutura de um lutador e uma disposição inabalável.

— Caçador. —Ele corrigiu.

—Ah. —Ela acenou com a cabeça em compreensão, embora ela não estivesse certa do que isso realmente significava. Ele quis dizer pescador? Ele estava no oceano. Marinha, talvez?

Laurel esperou que ele dissesse alguma coisa. Ele não o fez. Em vez disso, ele olhou para ela com sua expressão impassível e estudando seus olhos. Em qualquer outro momento, ela teria ficado com medo, mas este homem a resgatou forneceu-lhe cuidados médicos e agora a alimentou. Apesar de seu olhar severo e grande físico, ela não estava assustada.

— Sua casa é adorável. — Laurel era uma conversadora natural e gostava de conversar em vez do silêncio.

— É um bom lugar para ficar quando estou no palácio. — Os olhos intensos dele não vacilaram.

—Então você fica em outro lugar quando não está visitando o palácio? — Ela pegou uma fatia de fruta e lentamente a comeu para manter as mãos ocupadas. O gesto pareceu agradá-lo, e ele relaxou a expressão. Era isso que ele esperava? Certificar-se de que ela comia?

—Claro. Eu tenho uma casa no campo. Todos os caçadores têm. Eu a compartilho com meu irmão, Demon

—Apartamento de solteiro? — Ela provocou, sorrindo. Demon? Brutus? Ou seus pais tinham um estranho senso de humor, ou eram apelidos. Ele pareceu confuso. —Deixa pra lá.

—Você perdeu uma criança? —Brutus continuou a observá-la atentamente.

Laurel endureceu e soltou o pedaço de fruta que estava segurando. Não era algo que normalmente dizia às pessoas.

—Foi há muito tempo. — Então antes que ele pudesse perguntar mais, ela ficou de pé.

—Obrigada pela comida. Eu deveria começar a mexer a papelada para chegar em casa. Você pode me apontar para onde eu preciso ir?

Ele arqueou uma sobrancelha e apontou para a porta do quarto.

Laurel seguiu desnecessariamente o gesto.

—Se você preferir tomar um banho... —Ele moveu o dedo para indicar outra porta.

—Eu prefiro saber por que você não parece querer que eu comece a arrumar papelada para ir para casa. — Laurel cruzou os braços na frente dela. O material macio de seu vestido sem forma apertou contra seu peito, e ela instantaneamente deixou cair às mãos para seu lado. Ele não disse nada. —Bem?

—Eu não sei o que dizer. — Ele voltou seus olhos para a porta e se esticou como se fosse fugir por ela.

— Experimente a verdade. — Laurel esforçou-se em manter a calma, mas esta situação era o suficiente para preocupá-la. Eles a salvaram, mas agiam como se a tivessem introduzindo em um culto. O vestido branco, sem forma, não ajudava com a impressão que ela estava recebendo.

—Estou com medo de você gritar comigo. —Ele disse.

Isso a pegou de surpresa. Esse homem gigante estava preocupado que ela gritasse com ele?

Gritar. Com. Ele.

—E fique histérica. — Lentamente, Brutus se levantou. — Talvez você precise de Aidan. Vou buscá-lo.

Laurel colocou as mãos nos quadris e deu para ele a sua expressão mais severa.

—Eu preciso saber o que você está escondendo de mim. Exijo que você me diga tudo, ou eu com certeza vou ficar histérica e gritar com você.

Estranhamente, essa ameaça pareceu funcionar.

—Eu sou Merr. Você me chamaria de uma criatura do mar, ou monstro marinho, ou um tritão, e você está agora presa numa ilha subaquática no país de Ataran. É por isso que você está respirando ar e não se afogando no fundo do oceano. Disseram-me que é confuso, todos esses nomes daqui. Talvez Atlantes seja familiar? Atlantes é a totalidade do nosso continente subaquático. A terra é Ataran. Essa cidade é Atlas. — Brutus olhou para ela enquanto ele caminhava em volta da mesa. Ele parou entre ela e a porta para a rua. — Bem, temos um açougueiro chamado Atlas, que vive em Atlas, e isso pode ser confuso se você não o conhece. Então você poderia tecnicamente ir ver Atlas em Atlas em busca de carne.

Laurel abriu a boca e fechou-a. Nenhum som saía, o que provavelmente era o melhor, já que sua mente estava cambaleando com pensamentos.

—A maioria das mulheres que vêm aqui estão preocupadas com o fato de que somos tritões. Existe a questão da compatibilidade. Mas você não precisa se preocupar. Você se tornará uma sereia com o tempo. — Brutus não se moveu de seu lugar bloqueando a porta.

—Uma sereia? — Laurel esperou pelo final da piada. Tinha que estar chegando. A qualquer segundo agora...

—Sim. Quero dizer, sim. Estamos tentando atualizar nossa linguagem com as novas palavras que Cassandra e Bridget nos ensinaram. Dizem que nos tornará mais compreensíveis. Mas, sim, uma sereia. Infelizmente, teremos que afogá-la primeiro. —Ele parecia sombrio, e ainda assim ela ainda esperava que seu riso indicasse que ele estava brincando.

—Você quer dizer um afogamento metafórico? Um batismo e renascimento em seu culto, hã... Cultura?

—Não. O afogamento é muito real. —Ele disse. —Mas sim, é como um renascimento.

Ela começou a rir e depois parou.

— Diga-me que você está brincando.

—É extremamente sério. Mas nós só a afogaremos quando você estiver pronta. —Ele assegurou. —Eu nunca a afogaria sem sua permissão.

Laurel não sabia o que fazer, então apenas o encarou.

—Você parece com uma cor ruim novamente. Talvez eu devesse contar o resto de tudo mais tarde. Por agora, vou buscar a curandeira. — Brutus correu para sair e depois parou. — Você vai desmaiar? Eu posso te pegar primeiro se quiser e depois ir para a curandeira. Eu não quero que você bata sua cabeça no chão. Ou posso trazer Aidan para que ele possa responder melhor às suas perguntas sobre o mundo superficial.

Vendo que esperava uma resposta, murmurou:

— Aidan.

—Como quiser. Não desmaie e nem se machuque. —Ordenou ele. — Eu voltarei.

Laurel balançou em seus pés não se sentindo bem. Ela o viu sair antes de soltar um suspiro lento.

— Tritão na cidade perdida dos Atlantes.

Capítulo Sete

Laurel correu pelo corredor, tentando ficar o mais longe possível de Brutus. Estranhamente, ela não se sentiu em pânico, não como ela imaginava que deveria, depois de ser dito que seu anfitrião queria afogá-la e transformá-la em um peixe. A entorpecida falta de reação emocional não lhe tirou o senso comum. Afogar era ruim. A sobrevivência era boa. O homem sexy era louco. Ficar longe do homem louco era essencial.

O som de riso chamou sua atenção, e ela foi atraída pelas vozes. Cautelosamente, aproximou-se da abertura abobadada. Devia haver alguém no palácio que pudesse ajudá-la a encontrar o caminho de volta para casa, e havia familiaridade nesse o barulho, o zumbido de um grupo de amigos, com risos de adultos e gritos de criança.

—Você os mima demais. — Uma mulher disse, embora seu tom de repreensão não soasse chateado.

—E porque não? As crianças são presentes e devem ser tratadas como tal, respondeu um homem. — Ouça o riso deles. Esse é o som necessário neste palácio. Eles nem sempre serão jovens, e eu quero ouvir o seu riso, até que os deuses o permitam.

— Contanto que ainda permaneçam firmes na realidade. —Insistiu a mulher. Laurel ficou aliviada ao detectar o sotaque americano. —Eu não vou querer que meus meninos se tornem fedelhos mimados. Eu os amo muito para isso.

— Fala como uma verdadeira mãe, lady Bridget. —Disse o homem. —Vou deixar a realidade para você, e você vai deixar os mimos para mim. Foi decretado, e você não desafiara uma ordem real.

— Fala como um verdadeiro rei, majestade. —Brincou Bridget.

Rei? E Bridget, era a mulher que estava ensinando as pessoas locais novas palavras?

Laurel olhou para a sala. Uma pequena reunião ao redor da piscina. Suas pernas bloqueavam sua visão da água, mas ela ouvia crianças rindo. Ela não tinha certeza se a roupa romana antiga era um tema de festa ou parte da cultura da ilha. Althea e Brutus tinham trajes semelhantes. Os homens usavam togas, suas pernas nuas aparecendo sob as saias curtas. As mulheres tinham vestidos mais longos feitos de um tecido tipo organza, que brilhavam na luz quando se moviam.

—Rei Lucius. — Uma criança o chamou. —Veja!

Um homem se voltou ao grito. O rei era jovem e em boa forma, nada do que Laurel esperava do rei da ilha. Ela viu seu perfil sob o véu de seu cabelo castanho claro.

Laurel avançou para a sala. A pedra dura do chão do corredor continuava por toda a área externa. Mosaicos representando criaturas do mar foram recriados na parede, lembrando-lhe a arquitetura marroquina que ela tinha visto. O esmalte fazia a luz brilhar sobre a superfície, dando vida à falsa água.

Um respingo soou. Bridget riu e bateu palmas.

—Muito bem, Gregory!

— Douglas, sua vez. —Disse o rei. — Então William.

Logo os outros também estavam batendo palmas. Bridget olhou em sua direção, e seu sorriso apagou um pouco. Ela olhou para a piscina com preocupação e então se apressou para frente.

—Olá, você deve ser Laurel. Brutus e Althea me falaram de você. Eu sou Bridget. Bem-vinda a Ataran. — Bridget ergueu a mão como se quisesse chamar a atenção de Laurel para longe da piscina e de seus filhos.

—Você está perdida?

—Estou procurando o consulado dos EUA. — Laurel disse. — Perdi meus documentos no naufrágio, e preciso...

—Oh, bem, eu posso... — Bridget começou ligeiramente tocando seu braço para levar Laurel para longe da festa.

—Lady Bridget, você... — O rei virou-se para elas, e seu sorriso apagou. Olhou primeiro para a piscina e depois para as mulheres, fazendo com que os outros fizessem o mesmo.

—Você não está assistindo! —Gritou um garoto da água.

Em suas expressões emblemáticas, Laurel se viu afastando-se deles para olhar na água. Três pequenas figuras se moviam sob a superfície. O azul e o verde de seus troncos revelavam sua localização. De repente, uma das crianças veio para o ar, praticamente saltando acima da superfície. Chocada, Laurel percebeu que os seus calções de natação coloridos eram, na realidade, longas caudas. A parte inferior verde da criança se retorceu no ar antes de aterrissar com um barulho alto.

— Tritão. —Ela sussurrou. O segundo garoto saltou da água, sua cauda azul torcida como a do outro garoto. Ele foi seguido pelo terceiro cuja cauda era dividida em cores, metade azul, metade verde. Ambos desembarcaram ao mesmo tempo salpicando muita água.

—Quem foi o mais alto? —Perguntou um dos meninos antes de dizer: —Ei, quem é ela?

— Tritão. —Laurel repetiu, respirando mais rápido. Na parte de cima, os meninos pareciam ser humanos, em torno de dez anos, talvez um pouco mais jovens, exceto pelas pequenas barbatanas que se projetavam de seus antebraços.

Bridget avançou.

—Eu sei o que você deve estar pensando. Está tudo bem. Tudo pode ser explicado.

— Tritão. — Laurel se afastou bruscamente quando Bridget tentou tocá-la.

— Sim, tritão, mas asseguro-lhe que é perfeitamente...

—Ele disse... — Laurel se aproximou da piscina para provar que isso estava acontecendo. Talvez as caudas fossem falsas? Podem ser falsas. Isso faz sentido, certo?

Bridget tentou bloquear sua visão.

—Por favor, meus filhos não entendem sobre a adaptação dos mortais. Você será sua primeira recém-chegada. Por favor, não...

Não o quê? Os traumatize? Os assuste? Laurel estava prestes a rir quando viu o pedido maternal nos olhos de Bridget. Embora sua maternidade tivesse sido breve, ela entendeu o desespero nessa expressão.

Uma pontada de arrependimento e tristeza a atingiu. Apesar de seu coração batendo, e pensamentos em turbilhão, ela conseguiu assentir. Ela sussurrou:

— Isso não pode ser real.

— Onde está Brutus? Ele deveria ter levado você para Aidan primeiro. — Disse Bridget. — Eu sei o que você está passando. Eu uma vez fui recém-chegada a este lugar. Ninguém quer te machucar. Eles não teriam trazido você se eles tivessem outra escolha. Eles só salvam os condenados à morte.

Laurel não sabia se estava esperando para desmaiar ou acordar.

— Quanto ele te disse? — Bridget perguntou.

— Lady Bridget? — Chamou o rei.

— Sua majestade, esta é Lady Laurel. — A mulher se afastou quando o rei se juntou a elas. — Lady Laurel, o rei Lucius.

Laurel olhou para a piscina, vendo os três garotos Merr deslizarem como golfinhos em um show aquático. Ela ouviu vozes, mas não prestou atenção nas palavras quando uma barbatana bateu fora da água para salpicar os adultos ao lado. Os meninos riram maliciosamente quando uma mulher ruiva gritou e saltou para trás.

— Está sob euforia? — Perguntou o rei.

Laurel piscou lentamente e concentrou sua atenção nele.

— Eu deveria fazer arranjos para ir para casa.

— Onde está Brutus? — O rei Lucius se moveu em direção a entrada para olhar pelo corredor, como se isso respondesse a sua pergunta.

—Quero ir para casa. —Laurel repetiu. — Não vou dizer nada. Eu só quero ir para casa.

—Ajude-me, Lady Cassie! — Uma voz jovem exigiu.

A mulher ruiva inclinou-se para agarrar a mão do garoto, para ajudá-lo a sair da água.

— Oh, não, não... — Bridget começou a gritar, tarde demais. Seu filho puxou a mulher para a água com eles. Todos os três meninos riram maliciosamente. Quando a mulher surgiu, cercada pelo grosso tecido de seu vestido, uma cauda verde havia se transformado onde suas pernas deveriam estar.

As caudas não eram falsas.

— Ah, é isso, vocês estão em apuros agora. —A mulher gritou, nadando atrás deles como perseguição. Apesar de suas palavras, ela não parecia muito chateada com a brincadeira travessa dos meninos.

— O que tem em casa? —Bridget se inclinou para forçar a atenção de Laurel para longe das crianças que pulavam na piscina.

— Você é casada? —O rei disse, um pouco ansiosamente.

Laurel franziu a testa e balançou a cabeça.

—Não. O casamento é superestimado.

Era uma resposta automática, uma que ela havia dito várias vezes desde o divórcio. Muito pouco sobre esse casamento tinha sido bom, exceto o final. Um mau casamento tornava difícil considerar sequer tentar de novo.

— Não entendo. —Disse o rei. —Você é primorosa. Eu achei que você avaliaria muito bem um casamento.

— O que...? — Laurel começou a perguntar.

— Assegure-se de que os meninos não afoguem um ao outro. —Interveio Bridget. Ela gesticulou para que o rei fosse embora. — Vou levar Laurel para ver Aidan.

— Como quiser, minha senhora. — O rei se curvou e se virou para os meninos.

— Eles podem se afogar? —Laurel perguntou.

— Não. Ele só vai se certificar de que eles fiquem longe de problemas. — Bridget enfiou seu braço no de Laurel. — Agora podemos falar sem que ele fique pairando em cada uma de suas palavras. As fêmeas são uma mercadoria muito rara aqui, e você verá que os homens Merr são tão ignorantes quanto os humanos quanto aos modos femininos. Homens solteiros como o rei estarão ansiosos para passar um tempo com você, o que me leva a Lorde Brutus. O que ele lhe disse sobre sua situação?

—Que vocês iriam me afogar e me transformar em uma sereia. — Laurel ficou rígida ante o lembrete e tentou puxar seu braço.

Bridget a liberou.

—Ah não. Diga-me que ele não disse assim.

— Ele disse bem assim. —Laurel disse. —Eu acho que estou em choque. Eu deveria estar tendo um ataque de pânico agora. Eu deveria estar tentando fugir. Eu não deveria estar falando com você.

—Eles chamam de euforia. É um período de adaptação ao vir viver aqui. Não é intencional, mas um subproduto do Mergulho profundo. Tudo o que eu sei foi contado por aqueles que passaram por isso e minha própria experiência, mas não uma evidência real, os dados são muito limitados. Tenho trabalhado uma teoria que diz respeito ao barotrauma generalizado, causado pela super pressão, e que a atmosfera dos atlantes impede de ser fatal. Todos são afetados de forma diferente e por períodos de tempo diferentes. Toda esta cúpula funciona como uma câmara de descompressão.

Laurel olhou para a mulher. Ela era tão louca quanto Brutus. Mas então, ela acabou de testemunhar garotos Merr, então talvez ela estivesse delirando quanto o resto deles.

—Barotrauma generalizado. —Explicou Bridget. — Também chamado de doença da descompressão?

—Aquela coisa que os mergulhadores têm quando chegam à superfície muito depressa? — Laurel franziu o cenho. Apesar de tudo o que ela tinha ouvido e visto naquele dia, isso a fazia se sentir melhor, por ter uma explicação médica. —Eu estive tão submersa que fui afetada pela doença da descompressão? Eu pensei que era algo que só acontecesse se você mergulhasse muito fundo.

— Nós estamos bem fundos sob a superfície. — Bridget suspirou. — Brutus não explicou isso a você, não é? O que você lembra-se do seu acidente?

— Estar na água. Ser jogada no ar. Cair. — Ela olhou ao redor. — Acordar aqui. Dormir como se estivesse em coma e, em seguida, ser dito que eu deveria ser afogada. E que aparentemente as sereias são reais.

—Nós preferimos Merr. Sim, para mudar você tem que se afogar. Não é tão horrível quanto parece. Bem, quero dizer, afogar não é divertido, mas acaba rapidamente. De qualquer forma, Brutus não deveria ter começado com essa informação, e ele deveria ter mencionado que é sua escolha.

— Então escolho não me afogar. —Laurel disse. —E eu quero ir para casa.

—Talvez devêssemos ver Aidan primeiro. — A mulher novamente a levou para o corredor pelo braço. Elas passaram por dois homens que estavam de guarda sobre uma laje de pedra encostada na parede.

— Minha senhora. —Disse o mais moreno. Ele deixou seu posto para se juntar a elas. Ambos os guardas tinham togas curtas e brancas e um manto verde drapeado sobre um ombro que era mantido no lugar por um broche em forma de sol.

O guarda louro hesitou, mas logo o seguiu.

—Lady Laurel, é bom vê-la novamente.

Eles tinham sorrisos gentis e expressões que pareciam um pouco esperançosas demais.

—Ignore Brennus. —O guarda de cabelos escuros disse. —Minha senhora, você não se lembraria de nosso encontro quando não estava acordada no momento.

Laurel ficou rígida. Por que os homens foram trazidos para vê-la dormir?

— O que Vitus quer dizer. — Brennus disse. — É que você não estava consciente no momento.

—Eu acho que os dois querem dizer é que você estava recém-chegada do mar. —Explicou Bridget. —Eles guardam o que é chamado de área de superfície. É por onde você entrou no palácio. Você estava inconsciente.

—Eu não sei se o Lorde Brutus mencionou isso, mas eu sou Vitus. Pedi para ser poder cortejar você.

— Assim como eu. —Brennus disse, dando um cotovelada em Vitus. — Quando estiver pronta para os pretendentes, é claro, minha senhora.

—Claro. —Vitus rapidamente acrescentou com um empurrão, enquanto tentava tomar toda a atenção de Laurel. —Você parece bem. Posso ligar para você esta noite?

Laurel não sabia o que dizer. Olhou para Bridget em busca de ajuda. Os tritões estavam lutando por ela?

— Não acho que a dama esteja aceitando pretendentes. — Bridget os espantou e eles obedeceram com relutância.

—Você vai pensar sobre isso? — Vitus falou para as damas.

—Ela está ainda mais bonita acordada. — Brennus disse a seu companheiro de guarda, embora seu sussurro ecoasse alto o suficiente para que Laurel ouvisse. Ela olhou para trás. Os dois homens sorriram para ela.

— Ignore-os. —Bridget disse. —A menos que você esteja interessada em um deles? Se for assim, por todos os meios, aceite a sua atenção. Ambos são bons homens, fortes e com reputação.

— Na verdade, não estou interessada em encontros. —Respondeu Laurel. —Só quero chegar em casa.

Brutus não tinha certeza se sua explicação foi boa. Laurel não gritou, não chorou, ou desmaiou, de modo que deveria ser uma indicação de que ele tinha tratado adequadamente. Sua protegida deu a impressão de ser uma mulher inteligente. Certamente a abordagem contundente era a melhor. Pelo menos, era melhor do que tentar pensar em mentiras sobre por que ela não podia entrar em contato com seu governo. Ele não era de mentir.

Correndo pelos corredores para encontrar Aidan, ele quase tropeçou nos seus próprios pés. O homem estava sempre na sala de coleções, catalogando e organizando os tesouros trazidos do oceano. Bem, mais precisamente, ele estava sempre na sala de coleções, a menos que estivesse na casa de Althea tentando fingir que não eram amantes.

Sempre que eles retornavam de um naufrágio, Brutus e os outros caçadores enviavam catadores para o local para trazerem artefatos. Os itens eram pistas sobre como o mundo acima havia mudado. Aidan catalogava suas descobertas e enviava pequenos pergaminhos que circulavam com histórias e desenhos para a população saber mais.

— Aidan? — Brutus franziu o cenho enquanto enfiava a cabeça na grande sala retangular. Dentro havia fileiras de longas mesas cheias de artefatos recuperados. Aidan estava reclamando que ele estava ficando sem espaço de armazenamento.

— Aidan?

Por que o homem não estava catalogando? Era meio do dia.

Pensando em Lady Laurel, Brutus fez uma pausa. Se ele tivesse uma mulher esperando por ele, provavelmente não iria querer brincar com anzóis enferrujados. Na verdade, ele nunca mais poderia sair de sua casa novamente.

Talvez ele não precisasse de Aidan. Brutus sabia a história de como eles tinham sido criados, tinha passado por isso. Ele tinha feito um trabalho adequado até agora para explicar a realidade à sua protegida. Voltando atrás, foi procurar Laurel em sua casa. O desejo de vê-la era feroz, e isso lhe daria algo para conversar com ela.

Capítulo Oito

—Deixe-me ver se eu entendi isso corretamente. — Laurel não sabia o que fazer com essa situação. A evidência da existência de seres do mar estava em volta dela. —Estamos debaixo d'água em um globo como o de neve, que foi posto aqui por Poseidon para punir um grupo de antigos gregos por serem incrédulos. Eles são os Merr e são imortais...

—Na maior parte. —Interveio Bridget. Ela apontou para cima. — O ar da superfície pode nos matar. Bem, alguns de nós. Eu estou trabalhando em uma teoria do porque alguns poderem ir à superfície e outros não. Apenas, não vá nadar fora da cúpula e você vai ficar bem.

— Certo. —Laurel disse. Ela olhou o mural representando sereias em rochas.

—Então, não há assassinato ou acidentes? E se você perder um braço aqui, o quê? Apenas se regenera?

— Bem... — Bridget sacudiu a cabeça. —Suponho que os homicídios são uma possibilidade. Não ouvi falar de mortes por assassinato ou acidente. Não seria uma maldição de imortalidade se o povo Merr fosse fácil de matar. Os Merr curam-se rapidamente, e eu tendo a pensar que os membros não vitais podem não voltar a crescer.

— Você não sabe?

— Nunca pensei em perguntar sobre a perda de membros. —Bridget disse.

— E quanto ao controle populacional? —Laurel caminhou ao longo da parede. Imaginou que um ponto distante representado em uma praia poderia ser uma criança brincando.

— As crianças são muito raras. Eu não sei por que fui abençoada com trigêmeos. Talvez as condições de minha descida fossem perfeitas. Nenhuma das outras mulheres ficou grávida. — Bridget tocou-lhe o cotovelo. Laurel ficou rígida.

—Ninguém sabe o que o futuro reserva. Eu entendo que você esteja com medo, mas a vida aqui não é tão ruim, e você tem mais futuro agora do que tinha antes.

Perder seu bebê tinha sido um dos momentos mais difíceis de sua vida. A dor emocional quase a tinha matado. Por muito que ela amasse crianças, a vida tinha tomado essa decisão para ela muito antes.

— Laurel? —Bridget perguntou.

— Você está dizendo que eu sou imortal? — Laurel perguntou.

— Estou dizendo... —Bridget começou e parou quando Brutus a interrompeu.

— Aí está você. Por que você saiu de minha casa?

Laurel olhou automaticamente para as pernas para assegurar-se de que estavam ali. Ela tentou descobrir uma pitada do seu outro eu, com escamas, nos fortes músculos do seu corpo. Ele parecia normal. Bem, tão normal quanto um sexy gladiador tipo tritão poderia parecer. Em seu olhar expectante, ela disse a única coisa que poderia pensar:

— Eu não quero me afogar.

Brutus olhava para Laurel com alívio, feliz que ela não tinha vagado por aí em uma sala cheia de homens. Sabia que ela estaria segura no palácio. Nada aconteceria com ela, além do fato de que ela poderia ter mais pretendentes.

— Lorde Brutus. —Bridget, avançou para exigir sua atenção. —Eu estava contando a sua protegida sobre os Merr.

Brutus franziu o cenho.

—Eu já contei a ela.

—Sim, sim você contou. — Bridget assentiu. Ela deu a Laurel um leve sorriso. —Eu estava preenchendo alguns dos detalhes que você deixou de fora.

—Mas, eu ia contar a ela os detalhes. — Ele fez uma careta e voltou sua atenção para Laurel. Agora, sobre o que elealaria com ela? Ele estava praticando como contaria para ela a história de como seu mundo subaquático veio a ser assim. Se ele falasse devagar e com muitos detalhes a conversa poderia durar horas.

— Meu lorde. — Bridget indicou que ele deveria andar com ela. Ele tentou se recusar, mas seu olhar firme exigiu que ele a seguisse.

— Dê-nos um momento, Laurel. Preciso discutir negócios de caçadores com Lorde Brutus.

Laurel assentiu e voltou para o mural de sereias. Havia uma tristeza nela enquanto tocava um pequeno ponto na representação de uma praia. Talvez Bridget não tivesse feito um bom trabalho, como ele, quando se tratava de explicar as coisas. A ideia lhe deu esperança.

Levando-o pelo corredor onde ainda podiam ver a recém-chegada, mas não serem ouvidos, Bridget disse:

— Demon me disse que você chegou à tona. Como você está?

—Foi apenas minha pele. Ardeu, mas não houve nenhuma lesão. — Brutus gostava de Lady Bridget. Ela tinha um grande coração e dividia seu tempo entre cuidar de sua família e cuidar das pessoas Merr. Ele não tinha certeza do que ela fazia em seu laboratório, mas sabia que ela trabalhava para descobrir por que o culto das sereias podia respirar o ar da superfície, enquanto o resto deles não conseguia. Provavelmente foi sua insistência para que os caçadores comessem uma dieta de algas que impediu que o ar da superfície o queimasse.

—Estou muito feliz por você não estar machucado. —Disse ela.

Ele voltou sua atenção para olhar Laurel.

—Você tem que parar de olhar para ela como se você quisesse devorá-la.

—Eu só estou olhando para ela. —Ele defendeu.

—Você está olhando e sua expressão parece severa. —Bridget insistiu. — Tente sorrir.

Brutus forçou os cantos de sua boca.

— Talvez não tanto. —Bridget disse. —Sorria como você sorri para meus filhos.

— Ela não é uma criança. Por que eu a trataria assim?

—Eu não estou dizendo que ela é... — Bridget suspirou. —Eu não estou tentando ser crítica. Eu só quero ajudar. Mas, eu não deveria oferecer conselhos a menos que você peça.

— O que devo dizer a ela agora? — Ia contar-lhe a história dos Atlantes e do meu povo. Demorou um passeio pelo palácio para descobrir isso. —Ele olhou para onde Laurel estava. Ela era tão linda. Mesmo agora seu estômago se apertou, e todos os pensamentos tentaram deixar sua cabeça. —Eu pratiquei.

Deixe a conversa vir naturalmente. —Bridget disse. — Antes de lhe contar sobre os Merr, o que vocês dois estavam fazendo?

—Eu disse a ela para comer. Ela comeu. Conte quantos pratos ela comeu para ter certeza de que era o suficiente. Não era. Eu posso comer dez vezes o que ela consumiu. — Brutus endireitou-se em preocupação. — Devo forçá-la a comer mais?

— Não. — Bridget disse, um pouco alto demais. Laurel voltou sua atenção para eles e se aproximou. Abaixando o tom, Bridget continuou: — Não fale sobre o que uma mulher come. Confie em mim. Eu tenho certeza que a regra social não mudou desde que eu fiz a viagem para baixo. E não conte tudo que ela come.

— Vá em frente. —Brutus cruzou os braços sobre o peito e encarou Laurel. Ela deu outro passo em direção a eles. Ele pensou sobre o beijo de respiração, a sensação de seu corpo enquanto a água do oceano os cercava como um cobertor frio e escuro. Foi o momento mais íntimo que ele já teve com uma mulher.

— Apenas trate-a como se fosse uma companheira de caça. —Bridget fez um barulhinho. —Não. Esqueça isso. Trate-a como você me trata.

Brutus não se moveu.

—Você gosta dela, não gosta?

Ele suspirou frustrado.

—Claro, que eu gosto dela. Ela é minha protegida.

—Quero dizer, você está atraído por ela.

Ele pensou em negar, mas não era de mentir.

—Ela me intriga.

Bridget sorriu.

—Você deve levá-la para as fronteiras. Pelo que eu sei, é a melhor maneira de convencer alguém de que tudo isso é real.

Brutus começou a protestar, mas então ouviu risos. Ele se virou para ver Laurel conversando com Erastos. O homem trabalhava na cozinha. Laurel riu mais alto. O homem entregou-lhe alguma coisa, e ela aceitou o presente.

— Brutus? —Bridget perguntou. —Você está me ouvindo?

— Ele não foi apresentado. —Brutus disse, pronto para seguir adiante.

—Quem? Erastos? Sim. Eu os apresentei de passagem, quando eu estava mostrando-lhe o palácio. — Bridget disse.

— Aceito o seu conselho. Nós partiremos para as fronteiras imediatamente. —Ele caminhou em direção a Laurel.

Erastos viu sua aproximação e rapidamente despediu-se. Brutus olhou furioso para ele.

—Você está aceitando pretendentes? —Perguntou Brutus.

Laurel olhou para a mão dela.

—Eu pensei que ele falou que isso se chamava auv? — Ela levantou o fruto redondo.

—Bom. Você deveria comer. Hoje faremos uma longa caminhada. —Brutus fez um gesto para que ela o seguisse.

—Eu não tenho certeza que estou disposta a uma longa caminhada. Preciso descansar. — Ela entregou-lhe o auv. —Acho que posso encontrar o caminho de volta.

—Mas... — Ele observou enquanto ela se afastava dele. — Vamos para as fronteiras.

—Essa foi uma abordagem interessante. —Disse Bridget atrás dele.

Brutus entregou-lhe o fruto e foi atrás de Laurel. Ele não podia forçar sua protegida a sair com ele, não se ela precisava se curar, mas isso não significava que ele não quisesse. A fronteira tinha um grande apelo: não teria nenhum homem pedindo para ser o pretendente de Laurel.

Capítulo Nove

—Minha lady, eu pretendo trazer-lhe uma lula gigante. — Brutus disse.

Laurel olhou para seu anfitrião surpresa. Eles se sentaram em sua sala de estar, sem falar, sem fazer muita coisa. Tinha sido assim por alguns dias. Ela passou seu tempo entre dormir, comer, sentar e pensar. Quando o barco que ela tinha fretado não voltou para a doca, e ela não fez check-out¹ em seu hotel, Laurel tinha certeza de que eles a declarariam desaparecida. Ela olhou para o teto. Se ela estava no fundo do oceano como todos alegavam, então pode haver uma equipe de resgate à procura de sobreviventes. Se encontraram os outros, aqueles homens diriam a todos que ela afogou. Ela estava oficialmente morta.

Laurel franziu o cenho enquanto as palavras de Brutus afundavam.

—Você pretende trazer-me uma lula?

—Sim, depois que eu construir uma piscina para mantê-la aqui dentro. — Brutus deu a ela um leve sorriso, esperançoso. Na maioria das vezes ele a olhava em silêncio, como se estivesse preocupado que ela caísse e se quebrasse. Ela ainda tinha que decidir se era perturbador ou doce.

—Ah, obrigado, realmente, mas espere. Por quê? Isso faz parte do ritual de afogamento? Você me alimenta com a lula?

—Eu lhe disse que não a afogaria a menos que fosse seu desejo.

—Não é. —Ela assegurou.

—As mulheres gostam de coisas do oceano para estudar. Bridget exige que seu marido traga suas amostras vivas. Ele nunca lhe trouxe uma lula, por isso vou lhe trazer uma.

Laurel limitou-se a encará-lo, entregue a admirar seu belo rosto e prestar atenção ao que estava dizendo.

¹ **Check-out** é uma palavra em inglês, que remete para o ato de sair, fechar uma conta.

—Você pode deixar Bridget examinar a lula se quiser. Ela será sua. — Brutus sorriu. O gesto transformou suas feições. —Eu pensei muito nisso. Lady Lyra gosta de um estranho cachorro-quente. Ela se comunica com o mundo superficial onde seus irmãos vivem. Eles enviam seus pacotes em baús selados. Se você tem pedidos, posso pedir-lhe para incluir uma mensagem para sua família. A comunicação tornou-se incrivelmente rápida. Eles falavam pelo menos duas vezes por ano, agora só leva alguns meses.

—Lulas e cachorros-quentes. —Resumiu Laurel.

—Sim. Como seu guardião, é meu dever certificar-me que você tem tudo o que precisa. — Ele continuou a sorrir para ela. Era um olhar genuíno, como se seu desejo de agradá-la o fizesse feliz.

—O gesto é muito amável, mas realmente, eu não preciso de uma lula de estimação ou cachorro-quente.

—Mas eu planejei uma maneira de apanhar... — Por um momento ela pensou que ele cairia em silêncio, mas então ele perguntou:

—E uma mensagem para casa?

Laurel pensou em seu vizinho rabugento.

Caro Sr. Jenkins, estou escrevendo para lhe dizer que agora estou vivendo em um mundo subaquático com um homem que faria qualquer atleta profissional ter inveja. Desculpe, você não será capaz de contar garrafas de vinho no meu lixo e silenciosamente me julgar. Atenciosamente, Laurel.

—Ah, não, não há ninguém a quem eu precise enviar uma mensagem através de um baú selado. —Disse ela.

—Mas...? — Seu sorriso desapareceu. —Eu tenho pensado muito nisso.

Laurel imediatamente se sentiu mal. O homem parecia ter sido atingido.

—Roupa. — Laurel olhou para seu vestido disforme. — Gostaria de trocar de roupa. E de conversa.

— Esqueci-me de comprar roupas. — Brutus se levantou e seguiu para a porta com um novo propósito. —Me desculpe. Eu estava ocupado tentando elaborar planos para a piscina de lulas. Vou corrigir esse descuido imediatamente.

— Não, espere... —Laurel tentou detê-lo, mas o homem tinha desaparecido. Ela suspirou, deixando seu corpo cair de lado no sofá baixo. Puxando os pés do chão, ela rolou sobre suas costas e olhou para o teto. Para si mesma, ela murmurou. —Eu preferiria conversar.

—Roupa. — Brutus murmurou para si mesmo. Como ele poderia esquecer as roupas para sua protegida? Ele deu um riso pesaroso. — Provavelmente porque não consigo parar de imaginá-la sem roupas.

Ele ficou desapontado por ela não querer a lula. Ele tinha pensado muito no projeto, de como aprisionar uma criatura de águas abertas, quanto espaço ele precisaria para garantir que ela vivesse uma vida saudável. Naturalmente, esta decisão era mais prática. Ele não tinha certeza de como convenceria o rei a deixá-lo construir uma piscina de água salgada grande o suficiente.

Mas, Laurel era uma mulher especial. Ele precisava de um grande gesto para impressioná-la. O que era maior do que uma lula? Ele precisava se destacar de cada homem que estava tentando se casar com ela. O fato de ele ser seu guardião tornava ainda mais difícil. Ele não podia escondê-la do mundo para sempre. Ele não podia se recusar a deixá-la aceitar pretendentes, se esse fosse seu desejo. Ela não tinha indicado que queria que ele recusasse outros homens em seu nome.

Vendo seu irmão gêmeo, Brutus acelerou seu passo.

— Bru... —Demon começou.

Brutus mudou de rumo e caminhou mais rápido, pela passagem errada. A última coisa que Brutus queria era ouvir o pedido renovado de Demon. Ele queria que Demon encontrasse a felicidade, mas não com Laurel.

— Olá? — A voz de Brutus soou um pouco rouca.

— Estou aqui. — Laurel disse. Ela largou a fechadura do armário do quarto, incapaz de abri-la e não querendo ser apanhada tentando.

— Lady Laurel.

Laurel parou na entrada, pelo tom animado. Brutus se afastou dela, acenando com as mãos para incentivar os outros a entrarem na casa. As mulheres entraram carregando roupas dobradas, botas e várias sacolas de tecido amarradas.

— Por favor, aceite esses presentes. — Brutus se moveu atrás de sua comitiva.

Uma mulher entregou uma pilha de roupas para Laurel antes que ela pudesse falar.

—Você é muito bem-vinda a Ataran, minha senhora. Eu espero que você aprecie estes vestidos que nós fizemos para você.

— Eu... — Laurel tentou responder, mas foi cortada.

—E estas são as internas. —Disse outra mulher, colocando uma sacola no topo.

— Íntimas, Phoenia. —Corrigiu a primeira costureira.

—Íntimas? —Laurel sentiu um rubor espalhar por suas bochechas. Brutus mandou fazer lingerie para ela?

As mulheres riram.

— Lady Lyra e Lady Bridget nos ensinaram esses modelos. — Phoenia puxou a corda da sacola e estendeu a mão.

Laurel viu um lampejo do que parecia um pouco de renda e rapidamente se moveu para colocar a pilha no sofá para impedir que a mulher tirasse o que estava na bolsa. Devagar, ela disse:

— Obrigada.

—Muito obrigado, senhoras! — Brutus manteve aberta a porta indicando que deveriam sair. Algumas tentaram demorar-se, olhando curiosamente para Laurel. Brutus as guiou pelos braços pela porta. Ao voltar-se para ela, ele disse:

—Estou feliz que você tenha aceitado meu presente.

Agora que estavam sozinhos, ela não podia olhar para ele.

—Você... Você gosta de mim?

Seu coração batia violentamente, e suas mãos tremiam. Brutus nunca havia dito algo tão ousado que indicasse que ele a estava perseguindo. Ela lutou para negar sua atração por ele, pensando que ele não correspondia seus sentimentos. Ela olhou para a sacola de lingerie.

—Você é uma mulher muito bonita.

Laurel olhou surpresa. Brutus havia se aproximado. Só agora, quando olhou diretamente para seu rosto, ela percebeu que algo não estava certo.

— Você parece diferente.

— Sou o mesmo. — Ele assegurou. —Eu gostaria que você comesse comigo hoje à noite.

Ela não respondeu. Este homem tinha o mesmo rosto, a mesma cor dos olhos, a mesma constituição, mas havia algo estranho nele. Ela não conseguia

encontrar uma diferença na aparência dele, apenas no modo como ela se sentiu, quando olhou para ele.

Ele continuou:

—Quando meu irmão te puxou da água...

—Irmão? — Laurel finalmente entendeu. Esse homem podia ser uma cópia carbono de Brutus, mas ele não a fazia querer beijá-lo como Brutus.

—Gêmeo.

— Pode me chamar de Demon. —Ele disse.

—Demon? — Laurel deu uma risadinha, incapaz de evitar.

—Deixem-me adivinhar, eles o chamam assim porque você era a criança selvagem. E Brutus é o irmão pensativo e sério.

—Eles me chamam assim porque é meu nome. — Demon disse.

— Sua mãe lhe deu o nome de Demon?

—Sim. — Ele arqueou uma sobrancelha. —Você acha que Brutus é pensativo e sério?

— Bastante. —Laurel disse.

— Brutus?

—Sim.

— Meu irmão, Brutus?

— Sim, seu irmão, Brutus. —Laurel foi até a roupa. —Eu pensei que isso vinha dele. Desculpe, mas eu...

A porta se abriu. O verdadeiro Brutus cumprimentou-os. Ele ofegou como se estivesse sem fôlego. Encontrando Demon em sua casa, ele o confrontou.

—As costureiras me disseram que você comprou tudo.

— Eu tentei te dizer, mas você fugiu de mim. —Demon disse.

— Eu não lhe dei permissão para falar com ela. — Brutus fez um gesto com a mão na direção dela.

— Ei, eu estou bem aqui. — Laurel colocou as mãos em seus quadris. Eles a ignoraram.

— Nós somos irmãos. — Demon dispensou. — Você teria dito que sim.

— Existem protocolos por uma razão. — Declarou Brutus.

— Sim? Que razões? — Demon sorriu, claramente se divertindo.

— Ah, humm... — Brutus lutou por palavras. — Por ahh, razões tradicionais. Para se certificar de que uma protegida não é perseguida por pessoas desagradáveis.

— Você está dizendo que eu sou desagradável? — Demon perguntou.

— Bem, não, mas... — Respondeu Brutus.

— Então, eu tenho permissão para cortejar sua protegida. — Concluiu Demon.

— Não. Eu não disse isso. — Brutus parecia como se fosse socar seu irmão.

— Entendo. Não se preocupe. — Demon disse a Laurel, claramente consciente do que exatamente estava afrontando seu irmão gêmeo. — Embora pareça irritado.

Brutus olhou para ela e depois para Demon e depois para a pilha de roupas.

— Você aceitou o presente dele.

— Sim. — O coração de Laurel acelerou quando Brutus a encarou.

Demon sorriu.

— Irritado e possessivo.

— Mas foi um acidente. — Explicou Laurel, ignorando Demon, enquanto tentava acalmar a situação. — Pensei que fosse você.

A expressão de Demon caiu, mas ela ainda viu o brilho de malícia em seus olhos.

—Então você não está me dando permissão para prosseguir?

—Prosseguir? Não. Não quero ser perseguida. — Laurel olhou para os irmãos desamparadamente. Brutus franziu o cenho. Demon lhe deu um sorriso diabólico atrás das costas de seu gêmeo.

—Você tem a sua resposta. — Brutus abriu a porta e agarrou seu irmão pelo braço para empurrá-lo para fora da casa.

Demon riu.

—Ah, vamos lá, deixe-me tentar novamente. Eu...

Brutus bateu a porta no rosto de Demon.

— Bem-vinda à família, Lady Laurel. —Demon gritou através da porta. — Você será uma boa esposa para Brutus.

Capítulo Dez

Brutus nunca quis tanto socar seu gêmeo em sua vida. Ele deveria ter sabido que Demon estava aprontando, quando a costureira disse que o homem comprou cada peça de roupa que tinha disponível, até o novo estilo de roupa íntima. Tal compra era incomum para Demon. Ele não compraria presentes elaborados para uma mulher que não tinha oficialmente concordado em aceitar seu presente.

— Ele disse que estamos casados? — A voz de Laurel era um sussurro suave.

Brutus não conseguiu responder a ela. Como podia confiar em si mesmo para falar? Ele não queria mentir, mas de alguma forma confessar que ela invadiu cada um de seus pensamentos parecia imprudente.

— Somos casados? — Ela perguntou mais alto.

— Não. — Não era mentira. Eles não eram casados, mas ele queria ser. Desesperadamente. Se alguém tivesse sido capaz de sentir o quanto queria Laurel, teria sido Demon.

— Por que ele diria isso?

Brutus queria que ela parasse de fazer perguntas.

Ele sabe que eu quero você.

Não consigo pensar em mais nada. Eu quero beijar você.

Eu quero ver você sorrir. Eu quero te tocar como toquei no oceano, a pressão de seu corpo no meu, o toque de sua boca, o ar de seus pulmões entrando em mim enquanto respirava por nós dois.

Quero respirar você dentro de mim mais uma vez. Eu quero essa conexão.

Eu quero casar com você.

Quero respirar você pelo resto da minha eternidade.

A certeza de seus sentimentos surpreendeu-o e assustou-o.

Deixe-me te amar.

Por favor, deixe-me te amar.

— Brutus? Por que você está olhando assim para mim? Eu não sabia que os presentes vinham de seu irmão. Ele estava atrás das costureiras com as costas viradas. Ele falava como você. Ele parecia com você. Pensei que fosse você. Ele veio com roupas. Você saiu para pegar roupas. —Laurel aproximou-se. —Quando eu vi seu rosto, eu sabia que não era você.

—Por favor, deixe... — Brutus tentou expressar o que ele estava sentindo. Ele se moveu para ficar diante dela.

—Deixar?

—Por favor, deixe-me... — Brutus não pôde terminar com as palavras, então em vez disso ele agarrou seu rosto e puxou sua boca para a dele. Por um longo momento, ele segurou-a nos lábios, sem se mexer, sem saber como reagiria. Quando ele se afastou, ele encontrou seus olhos arregalados enquanto ela o fitava. —Por favor, deixe-me.

Lentamente, Laurel assentiu. Ela levantou as mãos para suas bochechas e puxou-o para baixo para que ele pudesse beijá-la novamente. Desta vez, sua boca se moveu, levando-o a imitar seus movimentos. O suave esmagamento de seus lábios, a ponta úmida de sua língua, o suave gemido no fundo de sua garganta, tudo isso o fascinou.

Ele começou a tocá-la, mas depois parou. Ela não era uma ninfa de prazer estúpida para ser controlada por ele. Além disso, ela era macia e delicada. Lembrou-se de como seu corpo pressionava o dele enquanto nadava no oceano.

—Estamos quebrando algum tipo de regra da sua cultura? — Laurel perguntou contra sua boca.

Brutus balançou a cabeça negando.

Não. Você é minha protegida, e você também demonstrou sua intenção de estar comigo. — Ele deu um rápido passo para trás. —A menos que você esteja se sentindo forçada a decidir?

Laurel deu uma leve risada.

—Forçada?

—Você ri?

—Confie em mim, Brutus, a última coisa que me sinto é forçada. — Laurel tomou sua mão e levou-o para seu quarto.

Capítulo Onze

Laurel não tinha certeza do que estava pensando. Tudo o que tinha acontecido era tão surreal. Ela estava em um mundo subaquático com um homem que a fazia se sentir mais viva do que em qualquer outro momento de sua vida. Estranhamente, ela não sentia falta de sua outra vida. Ela passara a maior parte do tempo planejando umas férias, esperando uma aventura, só para ir para casa e começar o processo novamente. Agora ela estava vivendo uma aventura, e ela não queria que as férias acabassem.

Ela levou Brutus para o quarto antes de puxar o vestido disforme sobre sua cabeça e jogá-lo de lado. Em vez de ficar nua e em exposição, ela se voltou instantaneamente para continuar a beijá-lo. A atração que ela tinha por ele era inconfundível, e ela não viu razão para negar. A hesitação em seus lábios só a fez querer mais.

Seu toque era suave como se uma pena fosse colocada entre sua pele e a dela. Ele passou os dedos por seus lados e quadris, fazendo cócegas em sua carne. Ela pressionou mais completamente contra ele.

Laurel puxou as roupas dele, de alguma forma conseguiu tirá-la. Seus lábios deixaram os dela, e ela ofegou por respirar. A energia zumbia entre eles como se conectasse seus nervos ao dela, tornando sua carne sensível ao toque.

Brutus olhou para baixo entre seus corpos. Suas mãos a tocaram, mas não a seguraram. Ela sentiu a excitação tomando conta dela, então ela sabia que ele a queria. No entanto, ele ainda hesitava em abraçá-la apertado, arrebatá-la para esmagá-la com beijos, e pressioná-la com paixão.

Os músculos de seus braços estavam tensos. Seu peito subia com a respiração pesada. Ele separou seus lábios como se ele fosse falar, mas nenhuma palavra saiu.

—Brutus? — Ela perguntou, insegura.

—Você é tão...

Cada insegurança que ela já teve a atingiu imediatamente. Ela amava seu corpo curvilíneo, mas não era uma exibicionista. Seu estômago embrulhou ligeiramente enquanto esperava que ele terminasse seu pensamento.

— Frágil. — Ele passou os dedos pelos braços dela.

Laurel deu um leve sorriso.

—Eu não sou tão frágil.

—Você é delicada. — Ele continuou a tocá-la ligeiramente.

— Não sou tão delicada.

—Tenho medo de quebrar você. — Ele parecia tão sincero que ela teve que parar de rir.

—Eu não sou tão quebrável. — Laurel alcançou suas mãos e colocou em seus quadris. Ela pressionou firmemente contra sua pele e inalou bruscamente pelo prazer de seu toque. Como se estivesse esperando a permissão agarrou-lhe o traseiro e levantou-a contra ele. Seus lábios a assaltaram como um homem faminto. Ele gemeu em sua boca.

Laurel ofegou de surpresa quando caiu para trás na cama e saltou sobre o colchão macio. Brutus se aproximou dela, sem interromper a exploração de seu corpo. Beijos quentes e mãos desesperadas fizeram uma viagem acidentada sobre sua carne. Seus seios o fascinaram, e ele fechou sua boca em torno de um de seus mamilos. Todo o raciocínio coerente a deixou. Cada lugar em que tiveram contato formigava.

—Você é tão macia. — Ele observou. Ele apertou seu peito. — E moldável aos meus dedos.

Laurel só podia assumir que era um elogio pela maneira sem fôlego com que falava. Suas pernas estavam fechadas. Ela bateu a parte externa da sua coxa contra a dele, até que finalmente ele ergueu as pernas para ficar entre as dela. O primeiro roçar de seu pênis contra seu sexo a fez ficar tensa imediatamente.

—Você é mais macia do que uma ninfa. —Ele sussurrou, ainda concentrado em seu peito.

As preliminares eram ótimas, mas Laurel mal conseguia aguardar o momento perfeito em que seu corpo deslizaria para o dela. Ela balançou os quadris, tentando atraí-lo para empurrar. Ela enganchou uma perna atrás de sua coxa para forçá-lo até ela. Não adiantava. Ele era muito forte para que ela o manejasse.

Ele lambeu um mamilo e se afastou para ver a resposta, só para fazer novamente no lado oposto. Quando Laurel não pôde mais suportar sua doce tortura, ela agarrou seu rosto e puxou seus lábios de volta para sua boca. Sem querer machucá-lo, agarrou-lhe os quadris e puxou-o contra ela. As pernas dela agitavam-se inquietas ao longo das dele.

Ela alcançou entre seus corpos e segurou seu pênis. Sua boca parou quando seus dedos envolveram sua excitação. Laurel o guiou até seu corpo. Apesar de toda sua força bruta, ele era incrivelmente gentil. Ela deslizou a ponta de sua ereção ao longo de seu sexo.

Brutus prendeu a respiração e não se moveu quando ela se levantou. Ela agarrou seus quadris e puxou, desfrutando do deslizamento lento do seu corpo no dela. A energia proveniente de suas mãos e boca causou uma intensa necessidade entrar em erupção dentro dela. Ela precisava de mais.

De alguma forma, conseguiu forçá-lo a deitar de costas. Ele não protestou enquanto ela o montava. Suas mãos se moveram de seus peitos para seus quadris e para trás novamente. Seu estômago flexionou debaixo dela enquanto ele levantava para encontrar seus impulsos. Não demorou muito para que o prazer a alcançasse e ela encontrasse uma brusca liberação. Brutus encontrou seu clímax segundos depois com um som alto e animalesco que certamente poderia ser ouvido além das paredes de sua casa.

Laurel desmoronou ao lado dele na cama. Ela respirava com dificuldade, atordoada demais por seu intenso clímax para se mover.

Você não fala.

— Ele disse depois de um longo momento. — Eu machuquei você? Tentei não te tratar como uma ninfa.

Ela segurou uma risadinha. Seu silêncio era simplesmente pelo prazer das consequências, e ela ainda estava tentando recuperar o fôlego.

—Dê a garota um minuto para se recuperar.

—Eu a machuquei. — Brutus virou, parecendo horrorizado. Ele teria saltado para longe da cama, se ela não agarrasse seu bíceps para detê-lo. — Eu nunca quis...

— Você não me feriu. —Laurel disse. —Foi muito bom.

— Bom? — Ele estudou seu rosto.

—Maravilhoso.

—Maravilhoso?

Dessa vez, ela riu.

—O que você quer que eu diga? Que você é um deus do sexo?

— Oh, eu não sou um deus. —Brutus assegurou. —Eu nunca seria tão cruel.

— Brutus?

—Sim.

— Posso pedir uma coisa?

—Claro.

—Você pode se deitar e parar de falar? — Laurel sorriu para ele. —Por favor?

Ele assentiu e deitou de costas. Brutus ergueu uma mão e deixou-a pairar sobre sua coxa com indecisão antes de colocá-la suavemente em sua perna.

Ela sorveu várias respirações profundas, sentindo seu coração lento e corpo fresco. Depois de algum tempo, ela perguntou:

— O que há no armário trancado?

Ele não respondeu.

— Brutus?

—Eu deveria falar agora? — Ele perguntou.

Laurel assentiu com a cabeça.

—Sim, por favor.

— Minha ninfa do prazer. Todos os caçadores têm uma para ajudar com a aflição quando saímos para o oceano.

—Ninfa do prazer? Isso é como um brinquedo sexual? — Laurel perguntou.

—É um receptáculo para a aflição.

Ela se virou para encará-lo, apoiando-se em um cotovelo. Ele estava deitado de costas. — Posso ver esse receptáculo para a aflição?

—Você deseja usar a ninfa do prazer? Mas não se destina a mulheres. — Brutus se sentou. —Eu não lhe dei prazer corretamente? Você precisa de manutenção?

—Sim. Manutenção. Porque eu sou como um carro.

—Eu não entendo o que isso significa.

—Foi uma piada ruim. —Disse Laurel. —Eu não preciso de manutenção. Eu simplesmente queria ver que segredos estão escondidos no armário.

Brutus pareceu inseguro, mas finalmente assentiu. Ele atravessou nu o quarto. Laurel puxou o cobertor sobre seu corpo. Ela observava suas pernas firmes e seu traseiro, hipnotizada pelo modo como seus músculos se moviam sob sua pele. Havia algo muito íntimo e erótico naquele momento. Ela segurou as cobertas firmemente em seu peito. Ele era tão tranquilo com sua nudez, despreocupado onde seus olhos podiam estar olhando. E por que ele não estaria confiante?

Brutus pegou uma chave de cima do armário e destrancou a porta. Ele abriu e se afastou.

— Não vou guardar segredos.

Uma boneca de tamanho natural estava pendurada na porta do armário, seus joelhos puxados até o peito. A cabeça da boneca era careca e os olhos

estavam fechados. Outros brinquedos sexuais alinhados nas prateleiras, todos feitos para o uso masculino.

Laurel deliberadamente tocou seus cabelos.

—Oh. — Brutus alcançou a prateleira, agarrou um disco e clicou-o em uma abertura no pescoço da boneca. O cabelo vermelho cresceu na cabeça. Em seguida, colocou um disco verde na têmpora da boneca e abriu uns olhos verdes.

—Isso é, ah... — Laurel lentamente se levantou, levando o cobertor com ela.

— Para ajudar a aflição. — Brutus declarou. Ele puxou os discos de cabelo e olho e jogou-os na prateleira antes de fechar a porta. A ação a impediu de examinar a boneca mais de perto, não que ela precisasse.

—Mas agora eu tenho você para ajudar com isso.

Havia tantos modos de interpretar a sua declaração. Ela podia se ofender com sua presunção, se chatear com sua referência a ela ser um receptáculo para suas aflições, ou se lisonjear por ele querer ter relações sexuais com ela novamente. Em vez disso, ela viu sua expressão, tão aberta e séria e... Esperançosa. As perguntas não formuladas em seus olhos vulneráveis fizeram com que ela acenasse com a cabeça, como simplesmente declarasse um fato com o qual ela concordava.

— Volte para a cama. — Ela disse, abrindo caminho. Ela se deitou e levantou as cobertas para que ele pudesse se juntar a ela debaixo delas.

—Você salvou minha vida. Provavelmente eu não te agradei por isso.

Quando se colocou ao lado dela, ela passou o dedo pelo seu lábio inferior.

—Você agradeceu. — Brutus deitou ao seu lado, olhando fixamente em seus olhos escuros. — Eu fiz a coisa certa trazendo você aqui? Eu não teria se eu tivesse achado que você poderia sobreviver no oceano. Eu preciso que você saiba que se houvesse uma chance, eu não teria condenado você ao meu mundo. Eu reconheço o quanto você deixou para trás. Além dos milagres de Lady Bridget, não temos filhos, e você disse...

—Não. —Laurel sacudiu a cabeça negando e passou a ponta do dedo pela borda do lábio superior. —Minha capacidade de ter filhos foi tirada de mim muito antes de me resgatar. Eu sei que os bebês não estão no meu futuro. Minha filha morreu no dia em que ela nasceu, e com ela minha capacidade de ter filhos.

Quando aconteceu, meu agora ex-marido estava dormindo com outra mulher. Nós nos divorcíamos e eles agora têm três meninos.

—Então ele é um tolo e não era o homem que você merece. — A respiração de Brutus acariciou seu dedo explorador. — Sinto muito pela sua filha. Vejo sua dor quando você fala dela.

Laurel assentiu. Ela manteve seu dedo contra sua boca enquanto o beijava brevemente.

—Obrigado por me salvar. Eu não deixei nada que valha a pena. Eu estive perdida, procurando qualquer experiência para preencher o vazio. Estar aqui é uma aventura, mas é também um novo começo.

—Eu quero que você seja feliz. —Ele disse. —Qualquer coisa que você precisar, me diga. Por favor. Se estiver ao meu alcance dar a você, eu vou.

— Como uma lula? —Ela brincou.

—Sim. Uma lula. Roupas. Comida. Um castelo. Qualquer coisa.

—Que tal outro beijo? — Ela se aconchegou contra ele.

— Qualquer coisa, minha senhora. — Brutus puxou-a para perto e a beijou.

Capítulo Doze

Uma vibração minúscula soou ao longo do corpo de Laurel. Ela deu uma risada sonolenta e pensou: —*Outra vez?*

Brutus era insaciável.

A vibração parou, e ela deixou sua mente se mover naquele lugar bonito entre acordar e dormir. Incerta de quanto tempo tinha passado, a vibração começou novamente. Desta vez, tão intensa que abalou a cama.

O cérebro de Laurel demorou alguns minutos para processar o que estava acontecendo. Mas quando o fez, ela se sentou em modo pânico total.

—Terremoto!

Brutus saltou da cama e olhou em volta como se as paredes do quarto lhe dessem respostas. O gabinete da ninfa de prazer se abriu, e a boneca sexual assustadora caiu no chão. Vibrava no chão como se estivesse tendo um ataque.

Laurel segurou o colchão.

—Isso é normal? Por favor, diga que isso é normal.

Brutus não respondeu. As vibrações diminuíram.

— Brutus? Por que você não respondeu? Isso é normal?

—Eu não posso mentir para você. —Ele disse. —Eu não te posso dizer que é normal.

— Então é raro? —Insistiu, esperando que houvesse uma explicação.

— Não. —Ele respondeu. —Isso nunca aconteceu.

As vibrações começaram de novo, como alguém batendo na sala ao lado. O tremor inicial foi seguido de pequenos tremores. Laurel olhou em pânico. Eles estavam sob a água em uma cúpula. E se a cúpula rachasse?

—Venha. — Brutus a pegou pelo braço e começou a levá-la para fora do quarto.

—Espere. — Ela se soltou de seu aperto e agarrou sua roupa da noite anterior. Então, ela jogou-lhe sua toga.

— Preciso descobrir o que está acontecendo. —Ele afirmou, sem se importar em vestir-se, enquanto carregava suas roupas com um punho fechado.

As vibrações diminuíram mais uma vez. Laurel esperava ver os salões do palácio cheios de pessoas em pânico. Em vez disso, vários homens atravessavam os corredores com determinação.

—Caderyn, Iason, Rigel, para o campo para verificar a cúpula. — O rei apontou para os homens enquanto falava. — Solon, verifique os aldeões e depois os camponeses.

Os homens saíram como ordenado. As vibrações vieram em ondas constantes, um golpe pesado e depois as consequências.

— Restou-nos a água. — Brutus disse.

— Você e Demon, vão. — Ordenou o rei. — Leve Brennus e Vitus com vocês. Eles devem estar em seus postos.

Demon correu à frente deles em direção à superfície.

Brutus gesticulou para que Laurel o seguisse. Entregou-lhe as roupas e continuou nu. — Fique no palácio a menos que o rei lhe diga que não é seguro. Se eu não voltar, ele se tornará seu guardião, ou encontrará alguém adequado.

— O que quer dizer se não voltar? — Laurel perguntou. Seu coração batia mais rápido. Demon ajudou os dois guardas a moverem a pedra bloqueando a saída. — Não vá se você acha que não vai voltar.

— Brutus, venha. — Demon gritou. Sua roupa voou atrás dele enquanto conduzia Vitus e Brennus para a área de superfície. Brennus levou uma tocha para o espaço escuro. Tinha a sensação de que significava mais para ela do que para si mesmo.

— Brutus, não vá se é perigoso. — Laurel o seguiu através da porta redonda de uma caverna. O ar instantaneamente ficou mais frio e úmido em comparação com o palácio. Pedras ásperas saíam das paredes da caverna. Ela levantou a mão para a pedra para se estabilizar enquanto o chão tremia de novo.

— Sua preocupação é... — Brutus começou.

— Irmão, agora! — O grito de Demon foi seguido por três mergulhos distintos.

— Eu tenho que ir. É meu dever. — Ele rapidamente tomou suas bochechas e deu-lhe um beijo. — Volte para o palácio. Ouça o rei. Ele vai te proteger.

— Mas... Ah. — Laurel ofegou quando Brutus mergulhou na escuridão na beira da caverna. Um respingo soou quando ele rompeu a superfície da água.

— Brutus, espere. — Ela chamou. — Quanto tempo você vai estar fora?

— *Por quanto tempo for necessário.*

Ela ouviu as palavras em sua cabeça e franziu a testa, confiante de que sua mente tinha respondido.

— Droga, Brutus.

— *Não fique zangada comigo.* — Ele disse. As palavras telepáticas eram claras.

— *Você está na minha cabeça?* — Laurel pensou.

— *Estamos conectados.* — Ele respondeu.

— *Você está acasalada com meu irmão.* — Interrompeu Demon, seu tom soou exasperado. — *Pare de entupir o elo mental. Temos trabalho a fazer.*

— *Agora vá. Encontre o rei. Fique segura.* — Ordenou Brutus.

— *Mas todos podem ler minha mente?* —Laurel perguntou, tentando não pensar em todas as coisas que ela não queria que todos vissem.

—*Oh, eu não queria ver meu irmão assim!* — Demon protestou.

— *O que? Não!* — Laurel pressionou as mãos contra as têmporas.

— *Deixe-a em paz, Demon.* —Brutus disse. — *Laurel, ele está te provocando. Só podemos ouvir os pensamentos que você dirige a nós. Eu te ensinarei quando eu voltar.*

Laurel envolveu os braços em torno de si e olhou para a água escura.

— *Apenas certifique-se de voltar.*

Capítulo Treze

Brutus não gostou do olhar que Laurel lhe deu quando entrou no abismo. A incerteza só poderia significar que ele tinha feito algo errado. Ele deve ter esquecido se de fazer ou dizer alguma coisa.

Demon sacudiu seu braço para o lado.

— *Cuidado.*

A correnteza empurrou contra ele enquanto, um verme nadava para fora de sua casa embaixo da pedra, que era à base da cúpula. A água vibrou, mas o tremor não era tão ruim quanto dentro da cúpula. Eles nadaram para longe de Atlantes, sobre um campo subaquático de grama do mar, para ter uma visão melhor de sua casa.

— *Onde estão todas as criaturas do mar?* — Perguntou Vitus.

Brutus compartilhou um olhar com seu gêmeo. Essa era uma boa pergunta.

Os guardas não eram nadadores tão fortes como os irmãos. Poucos Merr eram autorizados a irem ao fundo do oceano e não tinham a prática de natação em águas abertas. Estava escuro na água, mas sua visão cortava as profundidades frias com facilidade.

— *Vitus, venha comigo. Veremos a cúpula.* — Disse Brutus. — *Brennus, vá com Demon e verifique a outra direção. Vamos varrer a área e nos encontrar do outro lado. Brennus e Vitus permaneçam perto da base. Demon e eu vamos nadar acima.*

Demon concordou com a cabeça. Os guardas eram bastante capazes, mas os irmãos não os queriam sozinhos no oceano. Havia muitos perigos naturais.

Brutus tentou manter um olho em Vitus enquanto se movia para cima ao longo da cúpula. A luz do interior brilhou através da barreira, dando-lhe uma visão distante do chão abaixo. Muitas vezes pensara que isso era o que os deuses

deveriam ter visto quando olharam para eles antes que Poseidon os encaixasse em seu túmulo vivo e os banisse sob as ondas.

Laurel estava lá embaixo, além das copas das árvores e das paredes do palácio. Dias e noites caíram sobre o país encantado exatamente como antes da maldição. Em vez de estrelas, o calor da cúpula atraía criaturas cuja bioluminescência dançava em torno da cúpula para imitar o céu noturno.

Brutus colocou sua mão sobre a sólida cúpula e sentiu que tremia.

— *Vitus, junte-se a mim. As vibrações estão vindo da frente.*

O guarda nadou em linha reta. Uma luz brilhava sobre eles, revelando a expressão preocupada de Vitus.

— *Esse é o fim?*

Brutus ouviu o medo do homem através da ligação mental.

— *Precisamos encontrar a fonte.*

— *Todos nós sabíamos que a cúpula não duraria para sempre.* —Vitus continuou. —*O que acontece quando ela quebrar? Todos mudamos e nos perdemos no oceano? Nós nos tornamos... Como eles?*

A última frase foi um mero sussurro. Brutus sabia que o medo de Vitus tinha fundamento. Os Merr não poderiam sobreviver na superfície. Eles precisavam da cúpula. Sem ela, seriam forçados a sair para a água, onde o oceano escuro se infiltrava em suas almas. Eles tentariam manter a sanidade, um pelo outro. Eles tentariam, e eles falhariam. Havia apenas um destino para eles no oceano. Eles se tornariam a coisa que eles caçavam. Eles se tornariam scyllas.

Brutus não podia deixar isso acontecer. Ele não seria a coisa que causava tantas mortes humanas. E então havia Laurel. A sua salvação acabara por condená-la?

—Se você quiser ser um caçador algum dia, você deve aprender a controlar o medo. —Brutus disse a ele. Havia um trabalho a fazer, e ele iria fazê-lo. Ele não servia a Laurel e a seu povo com medo.

— Sim. —Respondeu Vitus.

Brutus nadou mais forte, liderando o caminho ao longo da cúpula. Sua mão deslizou sobre a barreira, tentando acompanhar os tremores. Eles ficavam cada vez mais fortes.

— A água está turva.

Às palavras de Vitus, Brutus desacelerou e voltou sua atenção para baixo deles. Ele nadou em direção à base da cúpula. O sangue havia sido disperso na água. O cheiro acre era inconfundível.

— Brennus? —Gritou Vitus. — *Brennus!*

— Não são eles. —Interrompeu Brutus. — *Há muito sangue, e os outros provavelmente estão longe demais para nos ouvir. Seguiremos o rastro.*

Apesar de seu evidente abalo, Vitus acompanhou Brutus enquanto seguiam a fonte do sangue. Tornou-se mais espessa assim como as vibrações se tornaram mais fortes. A corrente fluía contra seu corpo, tornando difícil avançar. Ele agarrou Vitus pela mão e reorientou-o para cima para onde eles poderiam nadar com maior facilidade.

— Fique atento. —Ordenou ele.

A carnificina flutuando ao redor deles era difícil de testemunhar, muito menos nadar. Brutus tentou não respirar a água ensanguentada, mas só conseguiu conter a respiração por algum tempo. O gosto manchado encheu sua boca. Criaturas do mar mortas flutuavam ao longo do fundo do oceano, flutuando com a corrente, lulas colossais, tubarões, todas as criaturas enormes desta área do abismo.

— *O que aconteceu aqui?* — Perguntou Vitus.

Brutus não tinha resposta. Ele se moveu pelo fundo do mar para examinar os corpos. Mesmo que sua visão pudesse cortar a escuridão, era difícil ver através da nuvem vermelha. Vários dos animais pareciam ter sido batidos com tacos gigantes.

A corrente se agitou, suave no início, mas crescendo rapidamente. Ele voltou a sua atenção para cima apenas a tempo de ver passar uma lula. A luz de dentro da cúpula contrastou Vitus, enquanto olhava para dentro de sua casa. A lula não mudou seu curso, ou a velocidade.

— *Vitus!* — Gritou ele, correndo para onde o homem flutuava na água.

Vitus se virou. Brutus bateu o ombro contra Vitus e a cúpula ao mesmo tempo. O impulso deslizou-os para o lado. Era tarde demais. Ele sentiu a barbatana em seu antebraço cortar a lula, e foi incapaz de detê-la. A pele lisa se moldou contra seu corpo. A criatura os atingiu diretamente, derrubando-os com sua carapaça dura

Capítulo Quatorze

— Saia do meu caminho, vou procurá-lo. — Laurel olhou para o rei. Os tremores diminuíram sua frequência, mas ainda vibravam o chão. Algo dentro dela dizia que precisava entrar na água do oceano. Ela não sabia o que faria quando chegasse lá, mas tinha que tentar. No começo, ela tentou ignorar o sentimento, como se fosse só pelo medo. Havia várias incógnitas em sua nova vida para assustá-la. No entanto, a sensação de medo não desapareceu até que se tornou insuportável. Parecia que seu estômago estava cheio de ácido que estava começando a corroer o coração dela. Tinha que encontrar Brutus. Ela tinha que ir.

— Brutus me salvou, e agora devo devolver o favor. Não consigo explicar. Só sei que tenho que ir.

— Eu não posso permitir isso. — O rei Lucius ergueu as mãos, bloqueando fisicamente seu caminho para a entrada da área de superfície.

— Não é seguro. Você não conhece a água. Você nem passou pela transformação.

— Mas se eu entrar na água, talvez eu possa ouvi-lo. — Laurel respondeu.

— Água salgada poderia ser um condutor da mente, um link de pensamento. Já faz dias, e você não está mandando ninguém para procurá-los. O que mais posso fazer senão ir sozinha?

— Os caçadores sabem o que estão fazendo. Brutus é um dos nossos melhores. — O rei tentou tocar seu braço para afastá-la da área de superfície.

Ela o deixou se aproximar alguns passos antes de recuar. — Eu o ouvi falar com o marido de Bridget. Ninguém ouviu Brutus, Demon ou os guardas que foram com eles.

— Você ouviu minha conversa com Caderyn?

— Sim eu ouvi. Tudo. — Ela ignorou a censura em seu tom. — Eu também o ouvi dizer algo sobre as olímpicas atacarem a cúpula. Você tem quatro homens lá

fora sozinhos. Disseram-me que existem vários caçadores que podem ir para o oceano. Envie-os. Envie um exército. Encontre Brutus.

—Você está perturbada. Isso é tudo novidade para você. Venha. Vamos pegar comida e depois vou levá-la para passear pelos terrenos do palácio para acalmá-la. Até Brutus retornar, eu sou seu guardião e é meu dever...

Laurel deu um sorriso forçado e balançou a cabeça negando.

—Na verdade, Demon percebeu que Brutus e eu nos acasalamos, então eu acho que isso significa que como uma mulher casada eu não preciso de um guardião. Tente novamente.

— Você se acasalou? — O rei colocou um pouco mais de distância entre eles para lhe dar mais espaço, por uma questão de decência.

—Então você vai me escutar porque eu sou seu rei.

— Você não é o meu rei. Eu sou americana.

— Você é uma Merr.

—Desculpa. Outra lacuna. Não sou uma sereia até eu estar na água. Ainda sou americana.

— Você está no meu país. —Declarou o rei Lucius. — Vinculada a lei Merr.

—Bem, eu... — Laurel franziu o cenho. —Eu estava esperando que meu argumento funcionasse.

—Como eu já disse, você não passou pela transformação. — O rei falou muito deliberadamente, como se duvidasse de que ela entendesse a importância de suas palavras. — Você não será boa para ele na água.

—E se eu me transformar, antes? Então você vai me deixar ir? — A ideia de afogar-se aterrorizou, mas não tanto quanto perder Brutus. Ela não entendia por que, nem como era possível, mas fisicamente lhe doía a ausência dele. Acordada à noite em sua cama, sozinha, sentindo seu cheiro no travesseiro, tinha sido uma tortura, ela se mudou para o sofá para ser capaz de adormecer.

—Teria que ser na piscina. A água salgada irá transformá-la.

—Bem. Vamos fazer isso. — Ela assentiu nervosamente. Laurel se moveu como se fosse para a piscina, só para parar de repente. — Vai doer?

—Eu não me lembro. — O rei gesticulou, para que ela andasse com ele, enquanto ele novamente tentava afastá-la da área de superfície.

—Você não sabe? Brutus salvou você de se afogar.

—Eu quis dizer a transformação. —Ela esclareceu. —E eu estava inconsciente durante boa parte do afogamento.

—Você não vai descobrir hoje. Não posso permitir. Você vai esperar que seu marido volte e então...

—Se você não quer que eu encontre uma maneira de ir atrás deles, você vai ter que me dizer o que está acontecendo. Eu preciso saber. Por que as olímpicas estão atrás de seu povo? Quem são elas?

O rei Lucius parecia que não responderia.

— Brutus está lá fora. —Insistiu Laurel. — Ele disse que você me ajudaria. Você pode me ajudar explicando o que está acontecendo. Eu não escolhi vir aqui, mas estou aqui agora. E não me interpretem mal, estou feliz por ser salva da morte, mas preciso saber.

— Suponho que não há mal em dizer o que todos já sabem. Pelo menos, se vier de mim, vou ter certeza de que você conheça todos os fatos. — O rei Lucius suspirou com resignação. — As olímpicas são um grupo de mulheres que não valorizam a vida como Merr. Elas são uma pequena seita de sereias que residem em uma região apelidada de Monte Olympus. Recentemente, chamou nossa atenção que estavam atraindo homens humanos para baixo para serem seus escravos. Elas não permitiam que esses homens se transformassem para serem como nós, e pelo que podemos notar esses homens não estavam em perigo de se afogarem quando as sereias os levaram. Nós só salvamos aqueles que têm pouca, ou nenhuma chance de sobrevivência. É a lei.

Se os homens humanos desobedecem às suas amantes, são mortos. Descobrimos como as olímpicas estavam saindo da cúpula, e tomamos medidas para garantir que elas não pudessem mais sair. Sua rainha ficou insatisfeita e tem

causado problemas desde então. Estamos convictos de que ela tem algo a ver com esses terremotos. Algumas de suas seguidoras foram encontradas longe de seu território, ao lado da cúpula. Caderyn interroga uma delas agora, de modo que é tudo o que posso dizer.

— Precisamos fazer alguma coisa. —Declarou Laurel. —Você disse que elas estavam tentando quebrar a cúpula. O que acontecerá se tiverem sucesso?

—Nosso mundo terminará, e nós nos perderemos no oceano.

— Então me deixe entrar na água para ajudar Brutus. —Insistiu Laurel. O rei negou. —Eu tenho que fazer alguma coisa. Deixe-me fazer alguma coisa.

—Não. Agora, nossa tarefa é muito mais difícil. Nós temos que esperar e confiar que aqueles que estão água podem cuidar de si mesmos.

Capítulo Quinze

—Eu não vou ficar esperando para saber se as sereias malvadas atacaram Brutus. — Laurel olhou de lado para Bridget enquanto seu rosto ainda estava virado para cima em direção ao céu azul muito escuro. A cor vinha do oceano, mas era dia dentro da cúpula. Ela pensou em toda a água em cima dela, pressionando para baixo. Ela não podia prender a respiração e voltar à superfície. Se as sereias conseguissem, e a abóbada cedesse, ela se afogaria. Então, aparentemente ela renasceria para vagar pelo oceano para sempre.

—O rei quer que você relaxe. Tente não pensar nisso. — Bridget disse. Ela manteve a voz suave, mas Laurel pôde ver a preocupação da mulher em seus olhos cansados.

—Eu não posso explicar, mas eu sei que Brutus está lá fora. Eu o sinto. Como um farol que me chama, puxando-me em sua direção. Eu ganhei uma enxaqueca tentando me comunicar com ele. Eu não posso ouvi-lo em minha cabeça. Eu deveria ser capaz de ouvi-lo na minha cabeça. Você disse que eu seria capaz de ouvi-lo. Aidan me disse que quando eu me transformar a capacidade torna-se mais forte. Então, eu vou me afogar, e você vai me ajudar.

Bridget arqueou uma sobrancelha.

—E eu vou fazer isso porque?

—Nós viemos do mesmo lugar. Nós somos duas mulheres modernas. Você me deve, por eu não ter enlouquecido e assustado seus garotos Merr. Você vai fazer isso porque você é uma boa pessoa, e você sabe como é ser como eu. — Laurel não se importava com o argumento, desde que vencesse.

O olhar de Bridget relaxou.

—Eu sei que é difícil esperar, e eu não posso dizer que fica mais fácil, mas se torna mais familiar. Eu ainda me preocupo quando Caderyn sai em suas corridas oceânicas.

— Então faça Caderyn ir. —Insistiu Laurel.

—Ele está no campo com os outros, rastreando as olímpicas. Eles sentem que é a maneira mais rápida de encontrar as respostas.

—Eu perdi um bebê. E posso dizer-lhe que perder uma criança rasga sua alma. Você tem três meninos, seus bebês. Se você não vai me ajudar por minha causa, então me ajude por causa deles. Se Brutus precisar de ajuda, então me deixe encontrá-lo e ajudá-lo. Ou eu posso encontrá-lo e dizer-lhe para prestar atenção nas olímpicas que tentam quebrar a cúpula. Temos que fazer algo. Não deixe seus filhos se perderem. — Laurel respirou fundo.

Os olhos de Bridget umedeceram-se de lágrimas, como qualquer boa mãe faria em tal discussão.

—Ok, tudo bem. Não vá contra o rei, ajudando-me. Só... — Laurel suspirou. — Basta manter os meninos longe da área da piscina até que o que vai acontecer comigo, aconteça. Eu não quero assustá-los. Transformarei-me e depois irei. Você não precisa ajudar, só, por favor, não diga nada.

Bridget balançou a cabeça e fez um som de frustração.

— Encontre-me ao lado da piscina. Eu trarei as correntes.

De pé na beira da piscina do palácio, olhando para dentro, braços presos por grossas correntes de ferro... Sim, isso era uma merda assustadora.

Laurel começou a tremer.

—Eu acho que não posso fazer isso.

—Abra a boca. — Bridget inquietou-se com um cadeado velho para unir as correntes, e impedir que Laurel se movesse. Uma vez que ela passou pelos elos, ela clicou fechando.

— Dói? — Laurel perguntou, com a voz trêmula.

—É como se você estivesse se afogando. Assustador. Molhado. Ensurdecedor. Exceto pelo seu coração batendo em seus ouvidos. Quando me transformei, foi a força. As olímpicas me afogaram em um lago me restringindo e me chutando. Mas então tudo se acalmou. — Bridget voltou a verificar as correntes para se certificar de que a segurariam. —Abra sua boca.

—Eu quis dizer me transformar. Eu já sei que me afogar vai ser uma droga.

—Transformar? — Bridget se levantou. — Na verdade não. É um formigamento. Agora abra sua boca.

—Serei como um lobisomem louco uivando para lua e tentando comer pessoas? — Ela não estava pronta para pular. Ainda não.

—Nós não somos canibais. Abra sua boca.

—Será que eu sentirei meus ossos estalarem e minha pele rasgar?

—Nós não estamos em um filme de terror. Abra.

— Terei poderes especiais?

— Você será capaz de respirar na água.

—Será que vou ser capaz de me transformar de volta?

— É uma pergunta tola.

—Eu quis dizer, facilmente. É difícil voltar a ser humano novamente?

—Você sai da água e se seca. Laurel pare de atrasar o processo e abra a boca. — Bridget ergueu a mão.

— Levará muito tempo para... —Enquanto Laurel falava, Bridget esguichou líquido amargo através de seus lábios. Laurel tossiu. Sua boca entorpeceu e seu coração começou a bater. As correntes pareciam mais pesadas do que antes, e ela balançou.

—Isso deve acelerar o processo de morrer. É o melhor que posso fazer para facilitar. — Bridget colocou a mão no ombro de Laurel.

— Não se preocupe. Vou pular e desatá-la quando tudo terminar.

Laurel tentou protestar quando foi empurrada para a piscina de água salgada. Por instinto, ela inalou uma respiração cheia de ar e segurou-a segundos antes de entrar. Ela tinha estado tão concentrada em convencer a si mesma que isso precisava ser feito para se comunicar com Brutus que não tinha pensado em uma questão fundamental, e se não funcionasse? E se ela não se tornasse um deles? Esse medo caiu sobre ela com toda a força enquanto a água fria a envolveu. Ela lutou para ficar livre das correntes.

A superfície estava próxima, até agora. O padrão ondulado de Bridget estava sobre ela. Seus pulmões queimavam como se seu coração acelerado estivesse consumindo todo o oxigênio em questão de segundos. Embora ela tentasse segurar, ela involuntariamente ofegou pelo ar, que não estava lá. O sabor salgado da água passou por seus lábios. Seu corpo convulsionou violentamente momentos antes de sua visão diminuir.

Capítulo Dezesseis

Merda. Merda. Merda. Merda. Merda. Merda. Merda.

Brutus lentamente abriu os olhos para o som. A lula morta prendia seu corpo contra a base rochosa da cúpula. Embora tivesse se esforçado para escapar várias vezes, a posição tornou isso impossível, e ele lutou para se soltar. Uma mandíbula cerrada aprisionava sua cauda. Se ele puxasse demais, rasgaria. Quando tentou se livrar, sua barbatana afiada do antebraço continuou presa à cartilagem do animal.

— Merda. Merda. Ahh! Não. Foda-se. Porra. Porra.

— O quê? — Brutus tentou dirigir seus pensamentos, confuso.

— Oh, isso é estupidez. De onde vieram todos os animais mortos? Não me coma o que quer que tenha feito isso. Eu não gosto. Merda. Merda. Merda.

— Laurel? Brutus ficou mais consciente quando sua voz invadiu sua mente. *— O que está acontecendo? Como você saiu? A cúpula? A cúpula...?* — Ele olhou para cima tentando detectar se havia outros na água. De sua posição, era difícil de ver, mas o brilho indicou que a cúpula estava intacta.

— Brutus? — Laurel praticamente gritou seu nome. *— Onde você está? Fale comigo. Não acredito que te encontrei. Onde está você? Não consigo ver muito bem.*

— É o sangue. Nubla a água. Não se preocupe, nada está aqui fora, além de nós e de alguns varredores.

— Continue falando. Acho que posso localizá-lo.

—*Quem está aqui fora com você?* — Brutus tentou passar por cima da lula, mas ela ainda não se moveu.

— *Não fique bravo. Saí do palácio para encontrá-lo. Os guardas ficavam na área de superfície, estavam com você na água, assim não estava sendo vigiada de perto.* — Laurel apareceu sobre ele. A camada leve de escamas castanhas ao lado de seus olhos era de cor profunda, mostrando seu alto estado de angústia emocional. O seu cabelo estava amarrado na nuca para evitar que caísse em seu rosto. Ela usava uma camisa para cobrir seus seios, mas o inconfundível murmúrio da cauda de sua sereia soava atrás dela. Estava claro por seus movimentos bruscos que ela ainda estava aprendendo a controlar seu novo corpo.

Ela agarrou seu rosto e o beijou. A rapidez do gesto o surpreendeu. Quando ela se afastou, ela inspecionou sua expressão.

—*Suas escamas são tão escuras, como seus olhos.* — Ela sussurrou, tocando sua têmpora. Então como se percebendo o que estava fazendo, ela piscou rapidamente e depois olhou para onde seu corpo estava encravado. Ela instantaneamente empurrou seu ombro no animal, empurrou o mais que pôde. A pressão em sua cauda diminuiu, mas não o suficiente para ele libertar-se. — *Você lutou contra todos esses animais?*

—*Não. A maioria deles estavam como este quando chegamos. Eles chocavam contra a cúpula para causar os terremotos que estávamos sentindo lá dentro. Não sei por que se comportaram dessa maneira.*

— *O rei Lucius disse que as olímpicas estão envolvidas de alguma forma. Ele acha que elas são responsáveis pelos problemas que temos enfrentado. Algo sobre como elas não estarem em seu território, mas na terra em Merr, e Caderyn, assim como outros estão procurando mais para interrogá-las,*

ou... Isso é tudo que eu sei. —Ela grunhiu enquanto empurrava mais. A lula não se moveu. — Como fizeram esses animais se suicidarem?

—Nós podemos chamar os animais para o interior da cúpula, se nos concentrarmos o suficiente e conhecer as frequências que as criaturas respondem. É principalmente tentar, errar e ter sorte. As olímpicas devem ter descoberto uma maneira de chamar os animais. Porém, por que elas querem destruir sua casa? Sem Atlantes, estarão tão perdidas quanto nós.

— Temos cultos como esse. Aqueles que cometem suicídio em massa em nome de uma causa. Liderados por algum doido varrido carismático. —Ela começou a saltar o ombro contra a lula.

— A rainha Maia é a líder delas. Eu não sei o que é um doido varrido, mas nós questionamos sua sanidade.

— Ah! Droga. Não parece estar se movendo. — Ela parou de empurrar.

— Essa coisa parece gelatina viscosa. Como você ficou preso?

— Vitus e eu fomos atingidos por ela, quando verificávamos a cúpula. — Brutus fechou os olhos. — Você não deveria estar aqui fora.

—Onde estão os outros? Onde está o seu irmão?

Ao seu pedido, Brutus dirigiu sua atenção para a lateral da lula. Ela seguiu seu olhar para onde a mão de Vitus se estendia debaixo da carcaça. — Demon

e Brennus estão procurando do outro lado da cúpula. Estou esperando que eles venham aqui.

—Vitus? — Laurel foi para onde Vitus estava sufocado sob a lula. A mão não se moveu.

— Eu não pude chegar a ele a tempo. Ele estava assim quando eu recuperei a consciência. — Brutus teve que desviar o olhar. Ele estava olhando para a mão por horas, possivelmente dias. A dor de perder um velho amigo causou uma dor profunda dentro dele. — Acho que ele não sobreviveu ao ser esmagado contra a cúpula. Não parece que ele tenha tentado sair da lula. Nunca devíamos ter permitido que um guarda do palácio entrasse na água sem mais treinamento.

—Não é sua culpa. Eu sei no meu coração que isso é verdade. — Laurel acariciou seu rosto. — Vamos lidar com um problema de cada vez. Então, primeiro, como posso tirá-lo daqui?

Capítulo Dezessete

A ideia de Brutus era fazer com que ela nadasse para casa em segurança e deixá-lo esperar que Demon o encontrasse. No entanto, uma vez que ele não estava em condições de forçá-la a ir de volta ao palácio, Laurel se recusou a deixá-lo. Ela não se afogou, acordou como um peixe e saltou no oceano para um curso intensivo em manobras subaquáticas, apenas para desistir agora. Em vez disso, ela nadou totalmente inclinada para o corpo da lula, girando ao redor de modo que sua lateral batesse na criatura em uma tentativa de afastá-lo.

Quando suas costas atingiram o animal, ela ofegou de dor, mas sentiu a carcaça se mover por pequenos graus.

— *Isso...?* — Um objeto flutuante no canto de sua visão cortou suas palavras. O golpe tinha desalojado o braço de Vitus. O membro solitário flutuou ao longo do fundo do oceano antes de parar a vários metros de distância. Vendo Brutus lutando para se livrar, ela chegou para ajudá-lo.

— *Tente novamente. Acho que está funcionando.* — Ele disse. Seus cabelos escuros caíam em torno de seu rosto, cobrindo sua boca e nariz.

Laurel assentiu com a cabeça e voltou novamente para ganhar impulso. Ela fez um caminho mais curto até a lula e novamente virou no último segundo possível para bater nela.

— *Oh, você conseguiu. Ajude-me.* — Brutus disse, estendendo o braço.

Laurel apoiou a cauda e puxou o pulso. O corpo de Brutus escorregou, e ambos caíram para trás, saltando na água. Quase imediatamente, Brutus endireitou-se e a pegou contra seu peito. Ele a abraçou com força.

— *Você não deveria estar aqui embaixo.* — Ele disse através da ligação mental. A conversa inteira por ondas cerebrais era algo que ela ainda estava se acostumando. — *Mas obrigado por me salvar.*

— *Você me salvou primeiro.*

A água do mar estava congelando, mas não incomodou tanto sua pele quanto ela pensou que iria. Também estava escuro, mas sua visão cortava a escuridão como uma lanterna. A luz do interior da cúpula ajudava a iluminar a área próxima. As lagostas albinas com garras disformes varreram o cadáver de um peixe feio, com uma enorme mordida de dentes afiados.

Brutus a beijou levemente antes de deixá-la ir. Ele nadou até onde o braço de Vitus estava.

— *Devo levá-lo para casa.*

O olhar de Laurel varreu o fundo do mar. Ela encontrou o antebraço desmembrado e apertou a nadadeira para segurá-lo enquanto nadava para onde Brutus estava alcançando abaixo da lula.

— *Ele não está aqui.* — Brutus chegou mais fundo, girando ao redor. Areia flutuou em torno dele enquanto tentava cavar. Ela detectou um corte desagradável ao longo de sua pequena barbatana caudal, mas não parecia afetar seus movimentos.

Laurel deixou cair o braço e nadou para cima para olhar ao redor da área. Vendo um corpo imóvel, ela abriu a boca para gritar. A água salgada, impedindo-a de fazer barulho. Ela tentou novamente.

— *Brutus, acho que o encontrei.*

Laurel seguiu até o tritão caído. Brutus passou as mãos sobre o pescoço e peito de Vitus antes de levantá-lo em seus braços.

— *Precisamos levá-lo para Althea.*

— *Vá. Eu seguirei.* — Laurel disparou e agarrou o braço. A textura da massa sólida parecia estranha, mas ela não se sentia bem deixando o membro para trás para ser lanche de lagostas assustadoras.

—Se você se perder, vá até o topo da base da rocha e siga a curva da cúpula. —Ele disse. — Voltarei e te encontrarei.

Brutus carregou Vitus enganchando seu braço ao redor dele. A barbatana de sua cauda e as escamas em forma de diamante de sua cauda captavam raios da luz da cúpula, mas a cor escura era difícil de segui-lo na água e várias vezes ela teve que chamá-lo.

A quarta vez que aconteceu, ela disse:

—Você nada muito mais rápido do que eu. Leve Vitus. Ele precisa de ajuda. Vou nadar até a cúpula. Eu vim para a água, eu posso descobrir o meu caminho de volta para dentro.

— Não, não posso deixá-la sozinha aqui fora. —Ele a puxou para ele com o braço livre.

Laurel acariciou seu rosto.

— Eu disse ao rei que estávamos acasalados.

Brutus deu um leve sorriso, mas a expressão não durou muito.

—Se Vitus morrer porque eu nado muito lentamente eu nunca poderia me perdoar. Por favor, você tem que ir. Apenas vá depressa. Pegue isso. —Ela lhe entregou o braço. — E volte logo para mim. — Na verdade, seu corpo estava dolorido de tanto bater contra a lula para libertá-lo e pelo tempo que ela já estava nadando. Ela precisava descansar.

—Continue nadando. Esteja em alerta. Fique perto da base, mas perto da luz. Mantenha seus pensamentos abertos para que você possa ouvir meu chamado.

— *Eu vou ficar bem. Obtenha ajuda para Vitus.* — Ela não tinha como saber se isso era verdade, mas sabia que Brutus não demoraria mais do que o necessário. Enquanto o observava nadar, havia tanto que queria dizer a ele. Este não era o momento.

Agora que o encontrara, nadar no oceano profundo era mais assustador. Ela não tinha o foco em ajudar Brutus para manter seus pensamentos ocupados. Ela tocou a cúpula. Era realmente como um globo de neve no meio do oceano. A barreira de vidro deixou-a vislumbrar por dentro. Um velho muro de pedra sobressaía da paisagem, mas não havia pessoas. Atrás dela, a escuridão do oceano se estendia profunda, escura e assustadora como o inferno. Ela olhou para a cúpula como se fosse um cobertor para se esconder.

— *Liberdade! Eu disse que funcionaria.*

Laurel parou de nadar ao som da voz sensual de uma mulher e olhou para dentro da cúpula. Ela não tinha certeza quanto tempo tinha passado ou quão perto ela estava da área de superfície. Ela não viu ninguém do outro lado.

— *Merr estúpida.* — Outra voz feminina respondeu como se concordasse. O riso cacarejante seguiu o comentário.

Percebendo que o som telepático provavelmente veio da água, Laurel abaixou-se na sombra da borda rochosa da base e manteve-se imóvel enquanto espiava para longe. Ela viu o movimento. As sereias nadavam acima dela, mais longe da cúpula.

Uma sereia com cabelos e escamas vermelhas guiava duas outras, uma com cabelos longos pretos e cauda verde, e uma loira com cauda cinza arroxeada. Como Laurel, as barbatanas ao longo dos antebraços das mulheres eram menores do que as de Brutus. Elas pareciam delicadas. Ao contrário de Laurel, estavam completamente nuas.

— *Lucius é um tolo.* — Disse uma delas. Sem os lábios se moverem, Laurel não conseguia ver quem falava. — *Ele acha que pode me manter fora da água. Foi essa arrogância que nos colocou aqui.*

— Você estava bem perto dele quando aconteceu, Majestade.

— *Cale a boca.* — A morena deu um tapa na ruiva.

Laurel tentou não pensar, nem se mover enquanto as observava de baixo.

A ruiva sorriu e pairou na água.

— *Não foi uma queixa. Gosto da imortalidade. Obrigada, minha rainha, por fazer isso.*

A sereia de cabelos escuros pareceu um pouco pacificada com o comentário.

— *A tirania de Lucius está chegando ao fim. Este é o meu mundo. Minhas regras. Ninguém me tranca dentro da cúpula. É um tolo ao pensar que poderia me manter contida por muito tempo.*

— *É bom estar no oceano novamente. Como eu senti falta.*
— A voz era nova. Ela só podia assumir que a loira falou.

— *Quase tanto quanto eu senti falta da caça.* — A ruiva parecia nadar para cima.

A sereia de cabelos escuros a parou.

— *Ainda não, mas em breve.*

— *Precisamos de novas ações. Nossos escravos ficaram cansativos. Nenhum dos homens nem tenta resistir à minha vontade. Quero novos brinquedos.*

Algo fez cócegas no quadril de Laurel, e ela olhou para baixo para ver um minúsculo, longo, translúcido verme saindo da base da cúpula. Ela mordeu o lábio, tentando não gritar enquanto continuava a tocá-la.

— *Quieta. Você ouviu isso?*

Todas as três sereias voltaram sua atenção para baixo em sua direção. Laurel tentou pensar nos sons do oceano. Ela ficou muito quieta.

— *Alguém está vindo.*

As três mulheres dispararam para longe.

O coração de Laurel acelerou enquanto ela puxava seu corpo para longe da base rochosa, longe do buraco do verme e das olímpicas furiosas.

Capítulo Dezoito

— *Laurel?* — A voz de Brutus fez com que ela se movesse mais rápido.

Ela usou seu corpo inteiro para nadar em direção a ele.

— *Estou aqui. Estou aqui. Por favor, tire-me da água.* —

Ela bateu em seus braços e o abraçou apertado. — *Não gosto de estar aqui sem você. Mer...*

— *Você disse ao rei que estávamos acasalados? Você é minha esposa?* — Ele gentilmente segurou seu rosto. As palavras saíram dele como se estivessem queimando dentro de seu cérebro desde que ele a deixara, apenas esperando para ser falada. Agora que Vitus foi entregue em casa, ele pareceu ansioso para retomar a conversa. — *Tem certeza de que eu sou quem você quer? Você já pensou nisso? Você não se sente forçada por causa do que fizemos?*

Quando ele a tocou, sentiu-se segura.

— *Sim. Eu quero estar com você. Como você pode sequer perguntar isso depois do que aconteceu entre nós? Eu senti você quando você foi embora. Senti que você estava em apuros. Eu sabia que você precisava de ajuda. Eu me afoguei para que eu pudesse vir aqui e encontrá-lo.* — Ela olhou para longe e depois para trás novamente.

— *E você? Eu sou quem você quer? Você está bravo porque eu disse isso ao rei? Apenas escapou, mas eu não quero voltar atrás.*

—Eu quis você desde o momento em que você me impediu de respirar ar na superfície, quando sua caixa vermelha me bloqueou e nossos corpos roçaram pela primeira vez. — A leve camada de escamas ao lado de seus olhos escureceu ligeiramente.

— Eu quis você quando você estava à deriva debaixo da água, e eu fui capaz de segurá-la e respirar contra seus lábios. Eu quis você quando você abriu seus olhos e olhou para mim, quando você ficou inconsciente na casa da curandeira, quando você falou meu nome pela primeira vez. Eu quero você o tempo todo. Não posso pensar em nada mais. Acima de tudo, eu sinto você em mim, e isso me faz sentir vivo. Você faz essa maldição, ser tolerável. Eu te amo, Laurel. Quero você pelo resto dessa eternidade. A honestidade em seu tom e a expressão séria em seus olhos a encheram de tal esperança e amor que ela teve que beijá-lo. Seus lábios se pressionaram contra os dele. Suas línguas tocaram, deslizando além das fronteiras de seus lábios. Não precisando se afastar para falar, ela disse:

— Eu também te amo, Brutus.

A conexão que sentia com ele era diferente de qualquer coisa que ela conhecia. Ele nadou para trás enquanto a mantinha em seus braços. Seus cabelos flutuavam ao redor dela.

— Vitus? —Ela perguntou.

— Com a curandeira. Acho que o braço não pode ser salvo. —Ele disse.

— Sua vinda o salvou. Você nos salvou.

Laurel gostou da aprovação que ouviu em seu tom.

— *Estou muito feliz por saber que ele está a salvo.*

Suas caudas roçavam uma contra a outra, enviando um arrepio sobre ela. Era uma estranha sensação de pura emoção. Seu amor por ele estava lá, mas ela não tinha nenhum desejo sexual ardente. Provavelmente era melhor assim. Ela não tinha certeza se fazer sexo com uma cauda e nenhum órgão sexual perceptível funcionaria de qualquer maneira.

— *Quero ir para casa.* — Ela sussurrou.

— *Quero te levar para casa.* — Ele respondeu. Puxou a boca dela e segurou sua mão enquanto disparava através da água. Ela não teve escolha a não ser seguir atrás dele. O deslizar da corrente contra seu corpo era revigorante, e seu coração batia com excitação.

De repente, lembrando-se do que tinha visto, começou a balançar a cauda para ajudar a nadar mais rápido.

— *Brutus, vi sereias na água.*

Ele parou de repente e a conduziu pela base da rocha.

— *Você quer dizer Demon e Brennus? Caderyn e Iason foram em buscas deles, para avisá-los.*

— *Não, sereias. Mulheres.*

— *Isso não é possível. Nós selamos a outra saída.* — Ele entrou na área de superfície e estendeu a mão para puxá-la para trás dele.

— *Eu passei.* — Afirmou. — *Talvez alguém...*

Brutus rompeu a superfície.

— *Você já estava dentro do palácio. Não havia nenhuma maneira que qualquer uma das Olímpicas entrarem, a deixei sozinha nos salões para retornar ao oceano.*

Ele parou na borda e então se inclinou para levantá-la da água e colocá-la ao lado dele. Chicoteando sua cauda, ele escovou a água de suas pernas. Laurel seguiu seu exemplo. Seu corpo formigava, e ela tossiu quando o sabor do sal se tornou mais pronunciado. Sua cauda separou enquanto ela formava pernas mais uma vez.

— Eu sei o que eu vi. — Laurel disse. Sua camisa molhada estava presa a sua pele. As barbatanas em seus braços retraíram mais lentamente. — Três sereias. Uma delas estava falando, ou pensando-falando, ou comunicando as outras sobre como o rei não poderia mantê-las presas e uma ia governar a cúpula.

— Maia. Lotis estava com ela?

Laurel franziu o cenho.

— Cabelo vermelho. Cauda vermelha. Expressão de quem nadaria diretamente para as entranhas de um vulcão?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim. E uma loira e uma morena. A ruiva falou sobre querer adquirir escravos de substituição para brincar, a líder disse que elas precisavam esperar, mas iriam em breve.

— Elas encontraram outra saída. — Brutus franziu o cenho. — Isso deve ter sido o que elas estavam fazendo. Elas não estavam tentando quebrar a cúpula, era uma tentativa de nos distrair com os terremotos para que elas pudessem fazer um novo túnel. Usaram os animais para encobrir o barulho.

— Você pode encontrar o túnel e detê-las?

— Vamos tentar. — Levantou a mão para o rosto dela e afastou os cabelos molhados de sua bochecha. — Nós não saberíamos isso se você não fosse corajosa. Obrigado.

— Eu estava apavorada. — Ela admitiu. — Eu acho que elas sentiram você vindo. Isso é o que me impediu de ser descoberta. O que vai acontecer?

— Vamos pará-las novamente. Não vai acontecer da noite para o dia, mas não importa. Temos lutado com Maia e suas seguidoras desde que fomos banidos aqui embaixo. A boa notícia é que os terremotos devem parar, e as sereias não

sabem que descobrimos o segredo delas. — Enquanto as escamas em seus olhos se tornavam carne, Brutus olhou para seu colo transformado. Seu pênis estava orgulhoso e alto em seus quadris.

Laurel puxou a camisa sobre sua cabeça. Seu corpo voltou ao normal e com essa mudança veio uma onda de desejo. Uma barragem quebrou em suas emoções, e ela ofegou surpresa com a súbita necessidade em seu sexo. Ela imediatamente foi em direção a Brutus, montando em seu colo no piso da sala de superfície. Os músculos firmes ondulavam sob ela, ainda úmidos e frios do oceano. A pedra dura doeu em seus joelhos, mas ela não se importou. Seu eixo estava ereto e pronto quando ele roçou contra ela.

—O que está acontecendo? — Ela perguntou, antes de beijá-lo. Sua língua deslizou sobre seus lábios, e ela gemeu. Mãos seguraram suas coxas, apertando-as com força, enquanto Brutus balançava seus quadris contra ela.

—É chamado de aflição. —Ele respondeu entre beijos profundos. — Acontece... Sempre que saímos... Da água.

Ele forçou-a a levantar-se para montá-lo no chão da caverna e puxou-a para o seu eixo. A urgência de seu desejo estava em seus movimentos trêmulos. Ela empurrou para baixo. Suas mãos deslizaram sobre seus lados úmidos antes de segurar seus seios. Agarrou-os em suas grandes palmas enquanto Laurel se movia sobre ele com rapidez e força.

—Humm, eu gosto de aflição. — Ela cobriu suas mãos com as dela.

O impulso completamente despreocupado que sentia superava tudo o mais. Nada importava, exceto terminar o que começaram. Mesmo tão desesperada quanto estava para encontrar a liberação, seu corpo pareceu provocá-la mantendo o orgasmo além de seu alcance.

Laurel o rodeou mais forte, batendo os quadris para baixo. Ela agarrou seus ombros para ajudar seu impulso. Brutus cobriu sua bunda e em um movimento rápido rolou para acima do assoalho até que estava de pé com ela encaixada em seu pênis. Ela se segurou enquanto caminhava para pressioná-la contra a parede. Ele tomou o lugar, empurrando seus quadris nela enquanto a prendia à pedra. O

cheiro das flores da caverna era forte. O reflexo cintilante da gema cravejada nas paredes dançava atrás de sua cabeça.

Ele a carregava como se ela não pesasse nada. Seus músculos se esticavam com cada movimento de empurrão. A única coisa terna em sua reivindicação eram seus olhos, enquanto ele a olhava profundamente. Finalmente, o orgasmo veio. Ela gritou de prazer, mas ele não parou de se dirigir nela.

—Eu vou encontrar a liberação em minha esposa. — Ele sussurrou contra sua orelha. — Diga que você é minha.

—Sua. —Ela conseguiu sem fôlego.

Seu corpo se sacudiu com um clímax quase violento. Ele se enrijeceu, apertado e profundamente dentro dela. Segurando-a por um longo momento, ele balançou mais algumas vezes em suas profundidades úmidas antes de sair.

As pernas de Laurel mal podiam segurá-la enquanto seus pés tocavam o chão desigual ao lado da parede da caverna. Ainda tentando recuperar o fôlego, ela disse:

—Eu realmente amo a aflição.

Ele sorriu.

—Eu realmente te amo, minha senhora.

Naquele momento, nada mais importava, nem sereias e túneis secretos, porque de alguma forma, ela sabia que tudo estaria bem, enquanto estivesse nos braços do homem que amava. Juntos, eles poderiam enfrentar qualquer coisa. Sorrindo suavemente, ela respondeu:

—Eu realmente te amo também.

FIM

